

Érica Cristina Simão Tavares

A (RE)ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA ESCRITA
NA SALA DE ATIVIDADES:
O DESPERTAR DO INTERESSE PELA LINGUAGEM ESCRITA
NUM GRUPO DE 2 E 3 ANOS



Universidade do Algarve
Escola Superior de Educação e Comunicação

2017

Érica Cristina Simão Tavares

A (re)organização do espaço da escrita na sala de atividades: o
despertar do interesse pela linguagem escrita num grupo
de 2 e 3 anos

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:
Maria Helena Martins da Cruz Horta



Universidade do Algarve
Escola Superior de Educação e Comunicação

2017

A (re)organização do espaço da escrita na sala de atividades: o despertar do interesse pela linguagem escrita num grupo de 2 e 3 anos

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Assinatura

Érica Cristina Simão Tavares

Copyright - _____ *Érica Cristina Simão Tavares* Universidade do Algarve

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Aos meus pais, Miguel Tavares e Vera Tavares,
por acreditarem sempre em mim!

Agradecimentos

Ao longo do desenvolvimento deste meu relatório de investigação, o caminho nem sempre foi fácil, mas com o apoio de várias pessoas consegui finalmente vê-lo concretizado. Desta forma, quero deixar os meus sinceros agradecimentos a todas essas importantes pessoas, que de alguma forma, contribuíram para a concretização de mais uma memorável etapa na minha vida.

Os meus agradecimentos são dirigidos:

À minha orientadora e docente da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES), Professora Doutora Maria Helena Horta, por toda a ajuda, por todo o apoio, pela sua competente orientação e por toda a disponibilidade prestada. Obrigada pelas suas palavras de amizade e de incentivo.

À direção da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, por me ter dado a oportunidade de frequentar o curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar.

À educadora de infância cooperante, Graciana Dores, por toda a sua disponibilidade e por todo o apoio prestado e incentivo que me deu. Pelas palavras de carinho e pelos momentos de reflexão que tanto me fizeram crescer.

À auxiliar de educação, Irene Luz, pela disponibilidade prestada e pela ajuda.

Ao grupo de crianças, por me receberem sempre com um sorriso na cara, pela felicidade que demonstravam quando levava algo novo. Por me terem deixado contribuir para o vosso crescimento e desenvolvimento. Por todos os momentos de brincadeira e por todos os carinhos trocados.

À minha parceira de estágio, Cláudia Costa, pela amizade, por todos os momentos de partilha e de descontração nas horas de almoço.

À minha amiga de infância e colega de curso e de mestrado, Catarina Simão, pela sua amizade e por todos os momentos partilhados.

Às minhas colegas do Mestrado em Educação Pré-Escolar, por todas as partilhas feitas ao longo do curso.

Aos meus pais, por tudo o que fizeram pela minha vida, pela educação que me deram, pois sem eles não seria a mesma pessoa que sou eu hoje. Pela dedicação que sempre me prestaram, por todo o apoio, por todos os esforços, por todas as vezes que me tiveram que ouvir a falar de coisas que não percebem. Por saberem aconselhar, por terem depositado confiança e por terem sempre acreditado em mim.

Ao meu namorado, Nuno Neto, por todo o amor que tem por mim. Por ser a pessoa que é, por ser mais que um namorado, por ser o meu melhor amigo, por ser a pessoa com quem posso sempre contar. Por todo o incentivo e apoio incondicional. Por respeitar os momentos da minha ausência e pela paciência demonstrada.

Aos avós maternos, por todo o carinho, por toda a preocupação demonstrada, pelos telefonemas e por todas as palavras de incentivo.

À família Figueirinhas e à família Neto, por todos os momentos ausentes, pelas palavras de apoio e por acreditarem em mim. Por me fazerem sentir em casa mesmo não estando e por me terem recebido de braços abertos na família.

À minha amiga Eugénia de Jesus (Gena), pela amizade, pela sua preocupação, por toda a ajuda prestada, por todo o apoio incondicional, pelos telefonemas e pelas palavras de incentivo.

À minha amiga Fátima Candeias, pela amizade, por todos os momentos de partilha, por todas as palavras de coragem e de conforto e por toda a preocupação.

Às minhas amigas do Movimento da Escola Moderna por todas as partilhas, por todas as aprendizagens, por se preocuparem comigo, pela amizade, por respeitarem os momentos da minha ausência, pelas palavras de conforto e pela força que me transmitiram.

A todos os que me apoiaram e que nunca desistiram de acreditar em mim um muito obrigada do fundo do meu coração.

Resumo

O presente relatório de investigação intitula-se «A (re)organização do espaço da escrita na sala de atividades: o despertar do interesse pela linguagem escrita num grupo de 2 e 3 anos» e foi realizado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES), no ano letivo de 2016/2017. A investigação realizou-se num jardim de infância privado, em Faro, onde perante um grupo de 15 crianças, entre os 2 e os 3 anos de idade, compreendeu-se que a maioria das crianças não estava desperta, no início do ano lectivo, para qualquer atividade relacionada com o desenho (de forma espontânea) e, conseqüentemente, não revelavam predisposição para atitudes de escrita.

Durante a investigação, foi (re)organizado o espaço da escrita na sala de atividades com alguns materiais à disposição das crianças, em acordo com as suas ideias e interesses, com o objetivo de despertar as mesmas para a linguagem escrita, através do seu usufruto, de forma espontânea e autónoma, contribuindo assim para o envolvimento no seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento, tendo sempre o aspeto lúdico como referencial. Trata-se de um estudo de curta duração que integra duas vertentes de análise: a de natureza quantitativa, que procura analisar a frequência de utilização dos espaços na sala de atividades, e outra de natureza qualitativa, que procura analisar como as crianças reagiram após a (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades.

A análise aos dados recolhidos revela um aumento significativo da frequência e da utilização do espaço da escrita pelas crianças. Os materiais introduzidos no espaço da escrita demonstraram ser do seu interesse e entusiasmo.

Palavras-chave: Educação pré-escolar; área da escrita; linguagem escrita; atitudes de escrita.

Abstract

This research report is entitled « the (re) organization of the writing activities room area; the awakening of written language interest in a group of children with 2 and 3 years old» and was held in the framework of the course Prática de Ensino Supervisionada (PES), in the year of 2016/2017. The investigation took place in a private kindergarten in Faro, where before a group of 15 children, between 2 and 3 years old, it was realized that most of the children weren't prepared, at the beginning of the school year, for any activity related to the drawing (spontaneously) and, therefore, did not show interest to written activities.

During the investigation, the writing activities room area was (re) organized with some materials for children to use, according to their ideas and interests, with the goal of awakening the same to the written language, through their enjoyment, spontaneously and autonomously, thus contributing to the involvement in their own learning process and development, having always the playful aspect as a reference. This is a short research that integrates two strands of analysis: from the quantitative aspect, which seeks to analyze the frequency usage of spaces in the activities room, and from the qualitative aspect, which seeks to analyze how the children reacted after the space (re) organization in the writing area within the activities room.

The data analysis collected reveals a significant increase in the frequency and writing area utilization by the children. The materials introduced into the writing area room proved to promote the interest and enthusiasm of the children.

Keywords: Pre-school education; writing activities room area; written language; writing attitudes.

Índice Geral

Agradecimentos.....	vi
Resumo.....	viii
Abstract	ix
Índice Geral	x
Índice de Figuras	xii
Índice de Quadros.....	xiii
Índice de Apêndices	xiv
Lista de siglas	xv
Nota introdutória	1
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico-Conceptual.....	5
1.1. Desenvolvimento da Oralidade e Abordagem à Escrita.....	5
1.2. O Papel do/a Educador/a na Abordagem à Escrita.....	7
1.3. Organização do Ambiente Educativo	9
1.4. Intencionalidade Pedagógica do/a Educador/a	14
Capítulo 2 – <i>Design</i> de Investigação e Intervenção Pedagógica.....	17
2.1. Natureza do Estudo	17
2.2. Questões do Estudo	18
2.3. Objetivos do Estudo	18
2.4. Participantes no Estudo	19
2.5. Opções e Procedimentos Metodológicos	19
2.5.1. Delineamento do Estudo	20
2.5.1.1. Notas de campo/registo diário da observação direta	23
2.5.1.2. 1ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços ..	24

2.5.1.3. Entrevistas às crianças	26
2.5.1.4. (Re)organização do espaço da área da escrita	27
2.5.1.5. 1ª Introdução de materiais no espaço da área da escrita	27
2.5.1.6. 2ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços ..	29
2.5.1.7. 2ª Introdução de materiais no espaço da área da escrita	29
2.5.1.8. 3ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços ..	32
2.5.1.9. Fichas de observação diárias	33
2.5.1.10. Entrevista à educadora de infância cooperante.....	35
Capítulo 3 – Apresentação e Análise Interpretativa dos Dados	37
3.1. Frequência das crianças nos espaços da sala de atividades	37
3.2. Predisposição/atitudes de escrita das crianças.....	47
Análise Global.....	54
Conclusões	56
Bibliografia.....	59
Apêndices	77

Índice de Figuras

Figura II.1 – Organização da área do desenho/escrita no início do ano letivo.....	23
Figura II.2 – Grelha de registo de frequência coletiva nos espaços resultantes da 1ª aplicação.....	25
Figura II.3 – 1ª fase da (re)organização do espaço da área da escrita	27
Figura II.4 – Latas com etiquetas de identificação dos materiais de escrita.....	28
Figura II.5 – Comboio dos números	28
Figura II.6 – Cartões com os nomes e fotografias das crianças	29
Figura II.7 – Enriquecimento do espaço com os novos materiais	30
Figura II.8 – Ficheiros de imagens	30
Figura II.9 – Exemplos feitos por crianças	31
Figura II.10 – Abecedário plastificado e colado na mesa do espaço da área da escrita	31
Figura II.11 – Exemplo feito por uma criança da correspondência de várias letras	32
Figura II.12 – Materiais da área da escrita colados em caixas de cereais e plastificados.....	32
Figura II.13 – Ficha de observação n.º 1.....	33
Figura II.14 – Ficha de observação n.º 11.....	34

Índice de Quadros

Quadro I.1 – Instrumento orientador da organização da prática educativa (Horta, 2015)	12
Quadro II.1 – Tipo de documentos recolhidos e analisados.....	20
Quadro II.2 – Calendário das diferentes etapas do trabalho.....	22
Quadro II.3 – Estrutura da entrevista às criança	26
Quadro III.1 – Análise dos dados recolhidos na 1ª aplicação da grelha de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços	37
Quadro III.2 - Análise conteúdo das entrevistas às crianças.....	39
Quadro III.3 – Análise dos dados recolhidos na 2ª aplicação da grelha de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços	42
Quadro III.4 – Análise dos dados recolhidos na 3ª aplicação da grelha de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços	44
Quadro III.5 – Análise comparativa dos dados recolhidos pelas grelhas de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços.....	46

Índice de Apêndices

Apêndice I – Notas de campo/Registo diário da observação direta.....	62
Apêndice II – Grelha de registo de frequência coletiva nos espaços resultantes da 1ª aplicação.....	69
Apêndice III – Grelha de registo de frequência individual nos espaços resultantes da 1ª aplicação.....	70
Apêndice IV – Entrevistas às crianças	71
Apêndice V – Fichas de Observação	73
Apêndice VI – Guião da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante	94
Apêndice VII – Protocolo da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante	96
Apêndice VIII - Primeiro Tratamento da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante ...	100
Apêndice IX - Pré-categorização da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante	103
Apêndice X - Grelha de Categorização da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante.....	107
Apêndice XI - Grelha de registo de frequência individual nos espaços resultantes da 2ª aplicação	114
Apêndice XII - Grelha de registo de frequência individual nos espaços resultantes da 3ª aplicação	115

Lista de siglas

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

ME – Ministério da Educação

Nota introdutória

O interesse pela linguagem escrita na educação de infância surgiu, em mim, ao longo das práticas que realizei durante a licenciatura em Educação Básica. Além, disso, também os ciclos de conferências, palestras e seminários a que assisti fizeram com que me começasse a interessar mais por esta área. Esse interesse foi crescendo dia após dia e foi então que decidi que a minha investigação para o relatório seria nesta área. Também uma das unidades curriculares do Mestrado em Educação Pré-Escolar, Desenvolvimento da Linguagem e Abordagem à Escrita, me fez perceber que tinha tomado a decisão mais acertada quanto ao tema para aquele que viria a ser o meu relatório de Prática de Ensino Supervisionada (PES).

Este relatório visou o estudo da (re)organização do espaço da escrita na sala de atividades: o despertar do interesse pela linguagem escrita num grupo de 2 e 3 anos.

O que me levou a desenvolver este estudo foi o interesse na forma como podia proporcionar a um grupo de crianças de idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos um maior contacto com a linguagem escrita. Na sala de atividades onde o estudo foi realizado, as crianças tinham contacto com a linguagem escrita de diversas formas, mas não tinham um espaço devidamente organizado onde pudessem fazer as suas tentativas de escrita, nem materiais lúdicos direcionados para a linguagem escrita, pelo que senti necessidade de fazer a sua (re)organização.

A linguagem escrita na educação de infância é uma temática que tem vindo cada vez mais a suscitar curiosidade e interesse nos educadores de infância, sendo uma temática muito atual.

Para nós, educadores, é muito importante confirmar o despertar do interesse pela linguagem escrita num grupo de 2 e 3 anos. Em idade pré-escolar, as crianças encontram-se muito despertadas para coisas novas, coisas que lhes permitam desafiar-se a si próprias e a linguagem escrita é uma delas. Mas para tal é necessário que as crianças sejam estimuladas e que o educador de infância seja um modelo no que se refere à linguagem escrita. Tal como Fernandes (2005, p. 10) também defendo que é importante que o educador, como «modelo escritor», assuma perante o grupo «o estatuto de actos literários: lendo, escrevendo, pensando e demonstrando prazer com tudo isto».

Pretendo com o meu estudo e sua divulgação, valorizar junto dos profissionais na área da educação e interessados na temática, a importância de proporcionar atividades e espaços estimulantes na sala de atividades que despertem o interesse da linguagem escrita nas

crianças. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Lopes da Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016, p. 24) a «organização [do ambiente educativo da sala] constitui o suporte do desenvolvimento curricular, pois as formas de interação no grupo, os materiais disponíveis e a sua organização, a distribuição e utilização do tempo são determinantes para o que as crianças podem escolher, fazer e aprender».

Neste contexto, e com a realização deste estudo, pretendemos dar resposta às questões:

1. Qual será o impacto da (re)organização do espaço da área da escrita, numa sala de atividades, com um grupo constituído por crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade?
2. Poderão os materiais inseridos no espaço da área da escrita influenciar a frequência das crianças no próprio espaço?
3. Será que a (re)organização do espaço da escrita leva as crianças a manifestarem atitudes de interesse por este tipo de linguagem?

Como forma de dar resposta às questões de investigação definimos como objetivos:

- Estudar a frequência da utilização dos espaços na sala de atividades;
- Comparar níveis de frequência da utilização dos espaços na sala de atividades;
- (Re)organizar o espaço da área da escrita;
- Avaliar o comportamento/atitudes das crianças após a (re)organização do espaço da área da escrita, na sala de atividades; e
- Comparar níveis de frequência da utilização dos espaços na sala de atividades após a (re)organização do espaço da área da escrita.

A investigação teve por base os objetivos delineados que nos ajudaram a obter respostas.

Este estudo assume um carácter descritivo e exploratório, em que se privilegia uma metodologia de natureza qualitativa, não descurando, todavia, o tratamento de parte da informação de forma quantitativa.

O estudo realizou-se numa instituição privada, na cidade de Faro, no ano letivo 2016/2017. Foi o entusiasmo das crianças despertadas para novas experiências proporcionadas pelo educador que me levou a desenvolver o estudo a que este relatório se refere.

Para contextualizar cientificamente o estudo foram realizadas inúmeras pesquisas na área da temática abordada no relatório, o que deu origem ao enquadramento teórico-conceptual, correspondente ao Capítulo I.

No Capítulo II é apresentado o *Design* de Investigação e Intervenção Pedagógica, onde se apresenta a natureza do estudo, as questões de investigação, os objetivos, os participantes, o delineamento do estudo e ainda os instrumentos utilizados para a recolha de dados na investigação.

Depois de conhecido o estudo, no Capítulo III, surge a Apresentação e Análise Interpretativa dos Dados, onde são focados e analisados todos os instrumentos utilizados e onde é discutida a (re)organização do espaço da escrita na sala de atividades. Ainda neste capítulo, apresentamos uma análise global aos resultados.

Para finalizar, apresentam-se as conclusões da investigação e a bibliografia utilizada ao longo do trabalho, que enquadraram a investigação.



CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

Capítulo 1 – Enquadramento Teórico-Conceptual

A acompanhar a investigação e a escrita deste relatório de investigação, diverso foi o leque de leituras feitas no que diz respeito à revisão da literatura. Existem inúmeros autores que se debruçam sobre o tema da educação, contudo não são assim tantos aqueles que se referem especificamente à temática da linguagem escrita na educação pré-escolar em Portugal.

Devido a esse aspeto, a investigação centrou-se, entre outras, nas obras da autora Maria Helena Horta que tem vindo a desenvolver estudos nessa área, não descurando a consulta a outras obras e/ou autores de referência na área.

1.1. Desenvolvimento da Oralidade e Abordagem à Escrita

O Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita é parte integrante da área de Expressão e Comunicação das OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016), sendo que esta área «engloba diferentes formas de linguagem (e de comunicação) indispensáveis para a criança interagir com os outros, dar sentido e representar o mundo que a rodeia» (Horta, 2016a, p. 26).

Segundo Horta (2016b, p. 15) «uma das capacidades inatas do ser humano é o seu poder de comunicação. É-nos impossível não comunicar seja através de gestos, da linguagem oral, da linguagem escrita, da nossa forma de estar ou até pelo nosso silêncio». A comunicação faz-se através de diversas formas, tais como, uma conversa, uma história contada ou escrita, um poema, uma canção, sons entre outras formas (Rooyackers, 2006).

Sim-Sim (1998, p. 30) afirma que «a linguagem é, portanto, um meio de conhecer, de organizar e até de controlar a realidade; por seu intermédio formatamos experiências, pensamentos e emoções». Pode-se então afirmar que «a linguagem é o instrumento mais importante de que dispomos para comunicar» (Horta, 2016b, p. 15).

Marques (2005, p. 42) acrescenta ainda que «a linguagem não serve apenas para comunicar sentimentos, ideias, acontecimentos e valores. Pode ser também um interessante objeto de pura brincadeira, sempre que a criança ou o adulto centrem a sua atenção nos aspetos das formas da linguagem».

Sim-Sim (1998, p. 23) ainda refere que «a linguagem é tão essencial ao ser humano que é impossível conceber a vida sem ela». Deste modo, as OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016, p.

60) afirmam que «o desenvolvimento da linguagem oral tem uma importância fundamental na educação pré-escolar».

Lopes et al. (2006, p. 10) enumeram cinco razões pelas quais se deve considerar que a linguagem deve ser encarada como área fundamental a estimular e a desenvolver nas crianças:

- «porque ela não só não é incompatível nem retira importância, como apoia, suporta e otimiza todas as outras áreas de desenvolvimento;
- porque a linguagem constitui o mais poderoso instrumento que a espécie humana possui para dominar o seu ambiente;
- porque se a linguagem está fortemente dependente do desenvolvimento cognitivo, este, por sua vez, não pode processar-se além de determinado nível na ausência de linguagem ou em situações em que o seu desenvolvimento é rudimentar;
- porque a socialização é no essencial veiculada pela linguagem, quer nos seus aspetos expressivos, quer nos seus aspetos receptivos, não podendo por isso prescindir dela nem evoluir significativamente na sua ausência;
- porque a linguagem oral permite, se suficientemente desenvolvida, o acesso à linguagem escrita e esta, por seu turno, permite o acesso ao virtualmente inesgotável mundo dos livros e da informação escrita».

Folque (2014, p. 89), no mesmo sentido, reforça que «a linguagem constitui o meio através do qual as crianças constroem com sua [*sic*] identidade como aprendentes, ao articular o cognitivo com a relação social e afetiva com o mundo». Sabemos também que a linguagem se adquire e desenvolve através do seu uso, ouvindo falar e falando (Sim-Sim, 1998), além de que usar a linguagem é também brincar com os sons e com o silêncio (Rooyackers, 2006).

Segundo as OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016, p. 60) «a aprendizagem da linguagem oral e escrita deve ser concebida como um processo de apropriação contínuo que se começa a desenvolver muito precocemente e não somente quando existe o ensino formal».

Cavaco (2015, p. 14) afirma ainda que «é necessário que exista um bom desenvolvimento, por parte das crianças em idade pré-escolar, da oralidade, para que possam, posteriormente, apreender o processo da linguagem escrita». Assim sendo, cabe ao/à educador/a, como também aos cuidadores da criança, promover situações em que a criança esteja em contacto com a oralidade.

1.2. O Papel do/a Educador/a na Abordagem à Escrita

O mundo da infância em geral e da criança pequena, em particular, é um mundo de descobertas. Espera-se que elas aconteçam, de forma natural e espontânea, também em relação à linguagem escrita, através de um/a educador/a que assume o papel como um «guia experimentado», no desenvolvimento de um ambiente «comunicativamente estimulante» (Horta, 2016b, p. 97).

Prudêncio et al. (1978) afirmam que «é obrigação do educador saber que o desenvolvimento infantil decorre com a assimilação de experiências sociais que se manifestam por vários meios, de entre eles a linguagem – oral e escrita».

Segundo as OCEPE (Lopes da Silva, 2016, p. 66) «não há hoje em dia crianças que não contactem com o código escrito e que, por isso, ao entrarem para a educação pré-escolar não tenham já algumas ideias sobre a escrita» desse modo há que tirar partido do que as crianças já sabem». Neste sentido, Sim-Sim (1998, p. 30) afirma que «a linguagem oral com que a criança chega à escola é a base da linguagem escrita».

Gomes (2010) também defende que desde cedo, as crianças encontram-se envolvidas não só com a escrita como também com a leitura e por isso acabam por desenvolver o gosto pela escrita e pela leitura, compreendendo assim a relação que as mesmas detêm entre si.

Horta (2016b, p. 98) defende que «em contexto de educação de infância, é fundamental que o educador seja, por um lado, um provocador e, por outro, um mediador:

- Um provocador na medida em que promove situações desencadeadoras de conflito cognitivo, em que as crianças são impelidas a colocar questões a organizar-se e a reorganizar-se.
- Um mediador entre a criança e a linguagem escrita porque apoia as crianças na explicação do que fazem, ajudando a clarificar as situações menos claras e a evoluir nas suas conceções precoces.»

Desta forma, o/a educador/a, como provocador/a e mediador/a estará com intencionalidade educativa a estimular a criança não só no que diz respeito à linguagem escrita, como ainda nas restantes áreas, uma vez que as mesmas se encontram interligadas entre si.

Tal como todas as outras aprendizagens do mundo social que a criança realiza, em contexto de educação pré-escolar, também a linguagem escrita deve emergir dos interesses das próprias crianças que a devem apreender como uma necessidade, devendo o educador, para isso, transmitir-lhe não apenas o gosto por aprender, mas também o interesse em querer saber mais, tomando a linguagem escrita como uma “porta aberta” para o mundo da cultura, num processo de aprendizagem que se pretende ao longo da vida. (Horta, 2015, p. 5)

É de extrema relevância a forma como o/a educador/a se relaciona com a linguagem escrita, pois é partindo dessa relação que conseguirá incentivar as crianças a demonstrarem interesse pela linguagem escrita e a evoluírem neste domínio (Lopes da Silva et al., 2016).

Segundo Horta (2015, p. 5) «as crianças precisam de tempo para fazerem descobertas, para construir as suas aprendizagens, designadamente sobre a linguagem escrita, apoiadas por um educador que lhes serve de «modelo escritor», ao mesmo tempo em que se preocupa em criar, organizar e manter um ambiente «comunicativamente estimulante» na sua sala de atividades».

Quando o educador leva a criança a questionar, a refletir e a evoluir nas suas conceções sobre a linguagem escrita, quando verbaliza o que escreve, quando serve de modelo ajudando a criança a evoluir na sua linguagem oral e escrita, o que deverá acontecer de forma natural e intencional na sua ação pedagógica do dia a dia, o educador está a proporcionar um ambiente «comunicativamente estimulante» em que as próprias crianças sentem vontade de comunicar e de evoluir no seu próprio processo de aprendizagem e desenvolvimento. (Horta, 2016b, p. 78)

Na abordagem à escrita, como em todas as outras áreas e domínios, cabe ao educador saber que é mais importante valorizar o processo de aprendizagem do que o resultado final. Desse modo, o papel do educador é perceber que «a criança está no centro da ação pedagógica e é necessário ajudá-la a ir mais longe, à medida que descobre e cultiva toda e cada uma das suas capacidades» (Horta, 2015, p.5).

«Na maioria das vezes surge, por parte da criança, um interesse natural pela linguagem escrita, que deve ser incentivado e estimulado pelo próprio educador» (Horta, 2016b, p. 57).

Tal como Horta (2015, p. 5) também defendendo que «a finalidade e a função pedagógica de um educador é estimular a criança respeitando o seu estágio de desenvolvimento individual, tomando em consideração as suas competências e interesses, realmente observáveis e

tentando descortinar os “escondidos”, nos diferentes domínios do desenvolvimento, em particular na aprendizagem da linguagem escrita».

Além do/a educador/a ter de respeitar o estágio de desenvolvimento individual da criança, deve ter consciência que também deve respeitar o ritmo de aprendizagem de cada criança. Num grupo, não existem crianças iguais, todas são diferentes, cada uma à sua maneira e cada criança possui o seu próprio ritmo de desenvolvimento e de trabalho. É fundamental que o/a educador/a tenha sempre em consideração estes aspetos.

1.3. Organização do Ambiente Educativo

A forma como se encontra organizado o ambiente educativo é fundamental, pois tendo em conta o tempo que as crianças, nos dias de hoje, passam no jardim de infância, é de considerar que este espaço possui uma enorme importância enquanto contexto de desenvolvimento humano (Lopes et al., 2006).

Segundo Dewey (2007), a escola deve ser assumida como um espaço social no qual a criança cria e implementa o seu próprio processo de aprendizagem, um espaço que permite à criança definir e construir o seu próprio caminho.

Concordo com Horta (2016a, p. 27) quando a mesma afirma que «a organização e a gestão do ambiente educativo condicionarão ou potencializarão as aprendizagens que as crianças possam fazer e sobre ele o educador de infância deve refletir constantemente, num processo contínuo de planificação e avaliação».

Horta (2016b, p.73) enumera de sua autoria critérios necessários para a criação e organização de um ambiente «comunicativamente estimulante», numa sala de jardim de infância, critérios esses em que é desejável que o educador:

1. «Organize a sala por forma a que todas as áreas sejam apelativas ao desenvolvimento de brincadeiras e atividades por parte de todas as crianças. Apesar de poderem existir móveis como forma de divisão dos diferentes espaços, estes não devem ser impeditivos da comunicação visual e oral, entre crianças e entre as crianças e os adultos (que devem ter uma visibilidade global da sala).
2. Conferir frequentemente o que se encontra nas áreas e substituir os materiais (também de escrita) pouco atraentes (por exemplo, lápis sem ponta, marcadores sem tinta, e/ou

sem tampa, blocos e cadernos já totalmente preenchidos) por outros mais apelativos e funcionais: folhas de diferentes cores, *post-it* de diferentes cores e formas, diferentes tipos de folhas – lisas, pautadas e quadriculadas -, livros de faturas, blocos de receitas, agenda de contactos, entre outros.

3. Introduzir materiais novos e pouco convencionais, tanto de suporte como de produção escrita, tais como: revistas, brochuras, publicidade, jornais, jogos de letras, dicionário de imagens com a palavra associada, furador, agrafador, borrachas, lápis de carvão, diferentes tipos de esferográfica e de diferentes cores, elásticos, clips, pioneses, computador, máquina de escrever, impressora, entre outros.
4. Observar as crianças, envolvendo-se e dialogando com elas nas suas brincadeiras, para descobrir os seus interesses e encontrar atividades que vão ao encontro dessas orientações, em que a linguagem escrita esteja presente.
5. Apoiar as atividades que as crianças estão a realizar através de estímulos específicos da linguagem escrita e intervenções enriquecedoras (por exemplo, quando a criança utiliza a sua linguagem escrita nas brincadeiras, deve o educador estimulá-la no sentido de dialogar sobre a sua intenção de comunicação).
6. Ampliar as possibilidades de iniciativa livre das crianças e apoiá-las através de regras coerentes e de acordos, em que a linguagem escrita esteja presente (por exemplo, através da interação com a escrita, por cada criança, do seu nome nos espaços em que pretende brincar, as regras da sala, o inventário dos materiais nos diferentes espaços).
7. Tentar que em todas as áreas a linguagem escrita esteja presente, fazendo as crianças parte desse processo de escrita. Por outras palavras, é desejável que essa escrita desponte das necessidades e interesses das crianças, em que o educador escreve, sabendo aquelas o que lá está registado (por exemplo, em cada área: inventário dos materiais lá existente, regras de utilização e de convivência social, potencialidades e possíveis brincadeiras e atividades a desenvolver e, consoante surja a necessidade junto do grupo de crianças, construir «instrumentos de gestão partilhada», tais como a tabela de presenças, o mapa do tempo, o quadro de aniversários, entre outros).
8. Em cada área o educador deve expor as tentativas de escrita produzidas *in loco* pelas crianças, como forma de as valorizar e incentivar a que o façam mais vezes.»

Ao género de ambiente educativo que Horta (2016b, p. 70) designa como «comunicativamente estimulante», Niza (1996, p. 237), designa-o como um «circuito vivo de

comunicação», «que deve ser alimentado por fluxos permanentes de produções e dipor de um sistema motivante de regulação» «das práticas dos educadores que o promovem» (Horta, 2016b, p. 71). Por sua vez, Mata (2008, p. 21) denomina-o como «ambiente estimulante», no qual «o educador consegue mobilizar estratégias e estímulos adequados, o interesse e curiosidade pela funcionalidade da linguagem escrita, vão surgir e desenvolver-se como reflexo das experimentações das crianças e da continuidade que o educador dá às suas iniciativas e curiosidades».

Segundo as OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016, p. 26) «a escolha de materiais deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético. A utilização de material reciclável, bem como material natural podem proporcionar inúmeras aprendizagens e incentivar a criatividade».

As mesmas autoras afirmam que «na organização deste espaço [do ambiente educativo] não pode ainda ser descurada a forma como são utilizadas as paredes. O que está exposto constitui uma forma de comunicação, que sendo representativa dos processos desenvolvidos, os torna visíveis tanto para crianças como para adultos» (Lopes da Silva et al., 2016, p.26).

Num estudo desenvolvido, no âmbito da sua tese de doutoramento, Horta (2016b, p. 79) sentiu «necessidade de construir um instrumento de observação que lhe permitisse:

- Conhecer o modo como era feita a organização e a gestão do ambiente educativo com enfoque na linguagem escrita;
- Conhecer a intervenção educativa do educador relativamente à abordagem feita à linguagem escrita.»

O quadro I.1 apresenta o instrumento orientador da organização da prática educativa, criado por Horta (2016b, p. 80), apresentando nove categorias no total, distribuídas por cada um dos três temas definidos:

TEMAS	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO	Presença da linguagem escrita na sala	<p>Suportes escritos existentes na sala</p> <p>Introdução de novos ou a substituição dos suportes escritos existentes na sala (intraobservacionais)</p> <p>Introdução de novos ou a substituição dos suportes escritos existentes na sala (interobservacionais)</p> <p>Utilização de suportes escritos nos espaços e períodos de brincadeira livre das crianças</p>
	Formas de linguagem escrita presentes na sala	<p>Diversidade de funções associadas aos suportes escritos da sala</p> <p>Utilização dos suportes de escrita nas rotinas do dia a dia</p>
	Espaços para a exploração da linguagem escrita	<p>Existência de um espaço próprio para a exploração/produção de escrita</p> <p>Utilização/valorização do espaço pelas crianças</p> <p>Locais da sala onde se explora a funcionalidade da linguagem escrita</p>
	Materiais existentes no espaço da escrita	<p>Tipos de suportes/materiais de produção escrita</p> <p>Suportes/modelos de escrita</p>
A INTERVENÇÃO EDUCATIVA DA EDUCADORA	Atitude da educadora	<p>Apoio e incentivo dado às crianças nas suas explorações e tentativas de escrita</p>
	Estratégias/atividades promovidas	<p>Propostas de realização de atividades de registo escrito</p> <p>Espontaneidade do registo escrito das vivências das crianças</p> <p>Realização de atividades em que as crianças veem utilizar a escrita com diferentes objetivos</p> <p>Atividades resultantes das vivências de cada criança/grupo</p>
	Tipologia das atividades	<p>Atividades direcionadas para o desenvolvimento de competências visuomotoras e visuoperceptivas</p> <p>Atividades direcionadas para o desenvolvimento de competências metalinguísticas – consciência fonológica</p>
	A escrita pelas crianças	<p>Participação das crianças na escolha e/ou construção dos registos escritos expostos na sala</p> <p>Autonomia e iniciativa das crianças para utilizarem a escrita na realização das suas tarefas</p> <p>Explorações e tentativas de escrita</p> <p>Envolvimento das crianças nas atividades de escrita</p>

Quadro I.1 – Instrumento orientador da organização da prática educativa (Horta, 2015)

O instrumento orientador da organização da prática educativa, criado por Horta (2015), teve uma grande importância para a orientação deste estudo. Apesar de este instrumento conter dois grandes temas, foi na “Organização e Gestão do Ambiente Educativo”, que nos centramos devido ao tema escolhido para a realização deste estudo. Também a categoria “a escrita pelas crianças”, pertencente ao segundo grande tema “A Intervenção Educativa da

Educadora” foi relevante, uma vez que se enquadrava na temática do mesmo. Este instrumento teve extrema importância no início da investigação e, por isso, foi analisado na íntegra.

Segundo a minha experiência pessoal, enquanto estagiária ao longo da licenciatura e do mestrado, a organização do ambiente educativo é fundamental para a aprendizagem das crianças, pois a forma como o/a educador/a organiza os espaços da sala de atividades e escolhe os materiais para colocar à disposição das crianças tem influência na frequência e no uso dos espaços pelas mesmas. Deste modo, as salas de atividades tornam-se comunidades de aprendizagem fechadas, onde cabe ao/à educador/a proceder à sua organização tendo em consideração o modelo pedagógico por si adoptado (Folque, 2014).

Cada educador/a exerce segundo o seu método de trabalho e, como tal, são expressas as suas intenções aquando da organização dos diversos espaços da sala de atividades. Horta (2016a, p. 30) também concorda com esta opinião quando refere que «os espaços nas salas de atividades podem ser diversos, mas a sua organização é expressão das intenções (mesmo que de forma inconsciente) do educador de infância e da dinâmica que proporciona ao grupo, sendo indispensável uma reflexão constante sobre a sua função, finalidades e modos de utilização, por forma a planear, avaliar e fundamentar as razões dessa organização». Ainda nas OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016, p. 26) surge a mesma opinião quando as mesmas enunciam que «a reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação dos espaços permite que a sua organização vá sendo modificada, de acordo com as necessidades e evolução do grupo».

Concordo com Horta (2016b, p. 84) quando esta autora reconhece que «a criança necessita igualmente de estar imersa num ambiente [educativo estimulante] em que a escrita esteja presente, de forma natural e adequada aos seus interesses e necessidades, onde veja escrever e, posteriormente, ouça ler o que comunicou e que o educador registou por escrito, para que vá desenvolvendo a consciência de que a oralidade pode ser registada na escrita».

Em suma, é necessário que o ambiente educativo seja lúdico e propício para a aprendizagem, ou seja, um espaço que possibilite a escolha livre das atividades por parte das crianças (Horta, 2016b). Neste sentido, o/a educador/a estará a promover a autonomia das crianças na sala de atividades.

1.4. Intencionalidade Pedagógica do/a Educador/a

A intencionalidade do/a educador/a, que é caracterizada pela sua intervenção enquanto profissional, exige ao/à mesmo/a que reflita acerca dos valores que se encontram subjacentes às finalidades da sua prática, tais como: o seu papel enquanto profissional, a imagem da criança, o que valoriza no que as crianças fazem e sabem e ainda no modo como as mesmas aprendem (Lopes da Silva et al., 2016).

Segundo Horta (2016a, p. 30) «a organização [do ambiente educativo] é expressão das intenções (mesmo que de forma inconsciente) do educador de infância e da dinâmica que proporciona ao grupo». As OCEPE (Lopes da Silva et al., 2016, p. 26) reforçam esta ideia especificando que «a organização do espaço da sala é expressão das intenções do/a educador/a e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização.»

Neste sentido as OCEPE (2016, p. 24) valorizam, ainda, a importância do/a educador/a ponderar sobre as oportunidades educativas que oferece às crianças, através da organização do ambiente educativo, planeando o mesmo de forma intencional e avaliando, de forma contínua, como poderá contribuir para a educação das crianças, tendo sempre em consideração todos os ajustes e correções necessárias ao longo do ano letivo.

«A importância dos materiais na aprendizagem das crianças implica que o/a educador/a defina [intencionalmente] prioridades na sua aquisição, de acordo com as necessidades das crianças e o projeto curricular de grupo» (Lopes da Silva et al., 2016, p.26).

Horta (2016b, p. 48) defende que «devem os educadores intencionalizar as suas estratégias e atividades de abordagem à linguagem escrita tendo em conta os saberes e as competências que as crianças já revelam, fruto da sua inserção numa sociedade alfabetizada e, de igual modo, fruto da própria ação e intencionalidade do educador».

Ainda a mesma autora, Horta (2016b, p. 61), afirma que «existem diversas formas do educador, intencionalmente, levar a criança a interrogar, a questionar e a refletir sobre a linguagem escrita, das quais destaca duas delas:

- ◊ Uma é a forma como o educador conversa sobre a escrita inventada da própria criança, confrontado aquela com a sua escrita alfabética, ajudando-a a evoluir nas suas hipóteses e, simultaneamente, valorizando as suas tentativas de escrita, estimulando-a

para que o faça mais vezes o que, por seu turno, levará a criança (novamente) a questionar e a refletir sobre a linguagem escrita;

- ◊ Outra é através do “pedido de ajuda” por parte do educador à criança para que o ajude a escrever o que se pretende.»

Segundo a minha experiência pessoal, aprendi que o/a educador/a deve, intencionalmente, organizar um espaço da escrita na sala de atividades, onde coloque jogos e atividades relacionadas com a linguagem escrita, de acordo com o interesse e as necessidades das crianças. Esse espaço da escrita deverá ser um espaço a ser utilizado de forma autónoma pelas crianças e também um recurso para as atividades dirigidas pelo/a educador/a.

Concordo com Horta (2016b, p. 126) quando a mesma defende que «para que o educador possa planificar a sua intencionalidade educativa, vários são os fatores que convergem para esse processo: as características das crianças, do contexto socioeducativo e da pessoa do educador, cuja confluência articulada vai promover o desenvolvimento curricular».

O/a educador/a é quem tem, intencionalmente, de alargar as situações de comunicação na sala de atividades, que possibilitem às crianças dominar uma comunicação, quer seja, como emissores, ou como, recetores (Lopes da Silva et al, 2016).

Em conclusão, é importante salientar que a intencionalidade pedagógica do/a educador/a permite atribuir sentido à sua ação, tendo sempre um propósito e sabendo o porquê do que faz e quais os objetivos que pretende alcançar (Lopes da Silva et al., 2016).



CAPÍTULO 2

DESIGN DE INVESTIGAÇÃO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Capítulo 2 – *Design de Investigação e Intervenção Pedagógica*

Neste capítulo apresentaremos a natureza do estudo, as questões de investigação, os objetivos e os participantes no estudo. Apresentaremos ainda o processo de construção das grelhas de registo e de observação, a sua utilização e o delineamento da investigação.

2.1 Natureza do Estudo

Este estudo assume um carácter descritivo e exploratório, em que se privilegia uma metodologia de natureza qualitativa, centrando-nos em procedimentos interpretativos de análise e interpretação dos dados. Todavia, apesar de elementares, recorremos a procedimentos estatísticos como forma de reforço de sentido e significado desses dados, nomeadamente os que foram recolhidos através das grelhas de registo e observação.

Segundo Folque (2014, p. 116) «a investigação interpretativa considera a relação entre pedagogia e aprendizagem como uma negociação de significados, de constructos e de ideias, realizada entre os participantes, sendo as perspetivas da realidade que constroem o resultado dessas negociações de significados».

Bogdan e Biklen (1994, p. 16) explicitam que

numa investigação de natureza qualitativa os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.

É Tuckman (2000, p. 507) quem nos apresenta «as cinco principais características da investigação qualitativa:

- a) A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha de dados;
- b) A sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados;
- c) A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final;

- d) Os dados são analisados intuitivamente, como se reunissem, em conjunto, todas as partes de um puzzle;
- e) Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao “porquê” e ao “o quê”.»

Este estudo reflete as cinco principais características da investigação qualitativa mencionadas por Tuckman (2005). No decorrer da investigação, o fundamental foi valorizar todo o processo e analisar os dados recolhidos, interligando os dados obtidos nos diferentes instrumentos de recolha de dados utilizados.

2.2 Questões do Estudo

Tuckman (2000) defende que uma investigação é uma tentativa sistemática de atribuição de respostas às questões colocadas.

Assim sendo, esta investigação pretende dar resposta às seguintes questões:

1. Qual será o impacto da (re)organização do espaço da área da escrita, numa sala de atividades, com um grupo constituído por crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade?
2. Poderão os materiais inseridos no espaço da área da escrita influenciar a frequência das crianças no próprio espaço?
3. Será que a (re)organização do espaço da escrita leva as crianças a manifestarem atitudes de interesse por este tipo de linguagem?

2.3 Objetivos do Estudo

Partindo das questões de investigação traçadas e tendo em consideração o estudo delineado, foram definidos os seguintes objetivos:

- Estudar a frequência da utilização dos espaços na sala de atividades;
- Comparar níveis de frequência da utilização dos espaços na sala de atividades;
- (Re)organizar o espaço da área da escrita;

- Avaliar o comportamento/atitudes das crianças após a (re)organização do espaço da área da escrita, na sala de atividades; e
- Comparar níveis de frequência da utilização dos espaços na sala de atividades após a (re)organização do espaço da área da escrita.

2.4 Participantes no Estudo

Os participantes neste estudo foram todas as crianças do grupo da sala de atividades onde a estagiária realizou a PES em contexto de jardim de infância, num total de 15 crianças, que possuíam idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade (no início do respetivo ano letivo), sendo que dez das crianças eram do género masculino e cinco do género feminino.

2.5 Opções e Procedimentos Metodológicos

Trata-se de um estudo de curta duração que integra duas vertentes de análise: a de natureza quantitativa que procura analisar a frequência de utilização dos espaços na sala de atividades, e outra de natureza qualitativa que procura analisar como as crianças reagiram após a (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades.

Optamos por analisar os dados recolhidos e incluir no relatório uma componente descritiva e interpretativa que procura dar resposta aos objetivos do estudo, apresentando os respetivos instrumentos de recolha de dados (em apêndice).

Cronologicamente, recorreremos a diferenciados instrumentos de recolha de dados:

- ◇ **Notas de campo/ registo diário de observação direta** da frequência da utilização dos espaços na sala de atividades;
- ◇ Construção de **grelhas de registo da frequência** da utilização dos espaços na sala de atividades (antes e depois da (re)organização do espaço);
- ◇ Construção de um **guião de entrevista às crianças**;
- ◇ Construção de fichas de **observação diárias**;
- ◇ Construção de um **guião de entrevista à educadora de infância cooperante**.

Após a escolha dos instrumentos e a reflexão sobre como a utilização de cada um deles contribuiria para o estudo, organizado no Quadro II.1, passou-se à fase de planeamento do mesmo.

Instrumento de recolha de dados	Função
Notas de campo/ registo diário de observação direta	Permitiram conhecer a organização dos espaços naquela sala de atividades.
Grelhas de registo da frequência	Possibilitaram estudar a frequência da utilização dos espaços na sala de atividades por parte do grupo.
Guião de entrevista às crianças	Ajudou a saber o que as crianças pensavam sobre a possibilidade de existir na sala de atividades um espaço onde pudessem brincar com as letras e com os números (incluindo os materiais).
Fichas de observação diárias	Possibilitaram o registo de notas e consequentes intuições e interpretações.
Guião de entrevista à educadora de infância cooperante	Facilitou o conhecimento da opinião da educadora de infância cooperante no que diz respeito às mudanças no comportamento/atitude das crianças perante a linguagem escrita após a (re)organização do espaço da área da escrita.

Quadro II.1 – Tipo de documentos recolhidos e analisados

Importa ainda salientar que Bogdan e Biklen (1994, p. 134) afirmam que

em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem construir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.

2.5.1 Delineamento do Estudo

A realização, e consequente processo de redação deste estudo, decorreu no âmbito da PES, entre os meses de setembro de 2016 e setembro de 2017, três dias por semana (de segunda a quarta-feira), num jardim de infância privado, na cidade de Faro, no ano letivo 2016/2017.

O tempo que todo o processo demorou justifica-se pela necessidade de estudar se se verificava (ou não) o aumento do interesse das crianças pela linguagem escrita através da sua frequência no espaço (re)organizado da área da escrita. O tempo da prática não se considerou suficiente para o estudo e por isso, com a concordância da educadora de infância cooperante, a recolha de dados decorreu além do *términus* da mesma. O calendário das diferentes etapas do trabalho é apresentado, no Quadro II.2.

	2016				2017								
	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Construção do diário profissional da observação direta/notas de campo													
1ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços													
Realização das entrevistas às crianças													
(Re)organização do espaço da área da escrita													
1ª Introdução de materiais no espaço da área da escrita													
2ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços													
2ª Introdução de materiais no espaço da área da escrita													
3ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços													
Preenchimento das fichas de observação diárias													
Realização da entrevista à educadora de infância cooperante													
Revisão da literatura													
Tratamento de dados													
Escrita do relatório de investigação													
Revisão final													
Entrega do relatório													

Quadro II.2 – Calendário das diferentes etapas do trabalho

2.5.1.1. Notas de campo/registo diário da observação direta

O primeiro instrumento de recolha de dados a ser construído para dar início à investigação foi o registo diário da estagiária, onde eram registadas diariamente, no final do dia, as notas/interpretações que retirava através da observação direta.

Não podendo deixar de afirmar que era uma observação direta participante, pois além de observar também participava de forma prática, por estar envolvida na rotina diária do grupo de forma ativa. O diário de observação encontra-se disponível para consulta no apêndice I.

No diário de observação foram registados aspetos relevantes para a investigação referentes à presença da linguagem escrita na sala de atividades.

O diário de campo serviu para compreender como se encontrava organizada a sala de atividades e mais propriamente o espaço desenho/escrita (denominado pela educadora de infância cooperante). Além disso, serviu ainda para orientar e organizar a estagiária, através das notas retiradas e dos registos escritos, antes de realizar a (re)organização do espaço da área da escrita.

Muitas foram as observações registadas no que diz respeito à organização da área do desenho/escrita, no início da PES (Figura II.1.).



Figura II.1 – Organização da área do desenho/escrita no início do ano letivo

Inicialmente, o espaço da área do desenho/escrita encontrava-se localizado numa das paredes laterais da sala de atividades, sendo a mesma de forma retangular. A área da escrita era constituída por um armário com divisórias. Na parte superior do armário era possível encontrar algum material de escrita: canetas de feltro grossas, canetas de feltro finas, lápis de

cor grossos, lápis de cor finos, lápis de cera grossos, lápis de carvão, colas e tesouras. Todos estes materiais encontravam-se devidamente separados em latas, embora nem todas estivessem rotuladas com o nome do material que se encontrava no interior das mesmas.

A parte inferior do armário, onde existiam as divisórias o material que lá permanecia, não se encontrava organizada. Contudo, era possível observar algum material relacionado com a linguagem escrita, tal como jornais, revistas, folhas brancas de vários tamanhos e cartolinas coloridas. Apesar de tudo isto, foi notória a não frequência das crianças no espaço.

É de afirmar que por várias razões, as crianças não revelavam autonomia nem independência no espaço da área da escrita. As latas onde se encontravam os materiais de escrita eram arrumadas pelos adultos junto à parede, ou seja, as crianças confrontavam-se com este obstáculo para conseguirem ir buscar autonomamente as mesmas, uma vez que não possuíam altura suficiente para as alcançar.

Outra razão que justificava a não autonomia das crianças no espaço da área da escrita era o quão longe se encontrava a mesa de trabalho do armário com o material de escrita, tornando-se assim, numa nova barreira para a criança no acesso ao usufruto da área da escrita.

Era assim que o espaço do desenho/escrita se encontrava organizado.

2.5.1.2. 1ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços

Partindo da primeira análise feita através da observação direta, consideramos relevante construir duas tabelas de frequência de espaço onde fosse possível registar a frequência das crianças nos espaços na sala de atividades. Numa das tabelas o objetivo foi analisar a frequência individual e na outra tabela o objetivo foi analisar a frequência coletiva nos espaços.

A recolha dos dados foi feita em períodos de três semanas seguidas, com diferentes fases de recolha da informação no decorrer do processo de investigação, de segunda a quarta-feira, no período da manhã e uma vez por dia. O período de recolha destes dados iniciou-se no dia 10 de outubro e terminou no dia 26 de outubro de 2016.

As denominações dos espaços da sala que se encontram ilustrados nas grelhas seguintes, são da autoria da educadora cooperante, e decidimos mantê-los, embora não concordássemos, de todo, com todas as denominações dos referidos espaços.

Atividade	Frequência	Registro Fotográfico
Biblioteca	30	[Foto]
Cantina	29	[Foto]
Galerias	32	[Foto]
Espaço de Interação no sala de atividades	17	[Foto]
Cineclube	0	[Foto]
Jogos	14	[Foto]
Plantas	16	[Foto]
Desenho/ Escrita	0	[Foto]
Espaço de Interação no sala de atividades	21	[Foto]
Espaço de Interação no sala de atividades	30	[Foto]
Matemática	29	[Foto]
Construção do Muro	11	[Foto]

Figura II.2 – Grelha de registo de frequência coletiva nos espaços resultantes da 1ª aplicação

A grelha de registo de frequência coletiva nos espaços (Figura II.2) foi elaborada de forma Manuel e posteriormente transcrita no computador. Contudo, a mesma foi sendo preenchida na sala de atividades junto das crianças e, como tal, os dados inseridos foram escritos à mão pela estagiária, uma vez que a mesma não disponha de material tecnológico na sala e também porque era a forma mais prática para o fazer.

No apêndice II, encontra-se a grelha de frequência coletiva nos espaços, em formato original. Devido à dimensão do tamanho da grelha optou-se por colocar no corpo do trabalho uma imagem da grelha e apenas um exemplar da grelha nos apêndices do trabalho, tendo sido escolhido o exemplo da 1ª aplicação da grelha de frequência coletiva nos espaços.

No que respeita, à grelha de frequência individual nos espaços, os dados recolhidos através da mesma auxiliaram na contagem dos dados recolhidos na grelha de frequência coletiva nos espaços e deste modo é possível visualizá-la no apêndice III.

2.5.1.3. Entrevistas às crianças

Posteriormente foram feitas entrevistas individuais às crianças, respondidas oralmente e registadas pela investigadora. Pretendia-se perceber o que as crianças pensavam sobre a possibilidade de existir na sala de atividades um espaço onde pudessem brincar com as letras e com os números.

As entrevistas foram realizadas no dia 16 de novembro de 2016, no período da manhã cujo guião era constituído por quatro questões. As entrevistas às crianças encontram-se disponíveis para consulta no apêndice IV.

Optou-se por se realizar as entrevistas às crianças, na sala de atividades, visto o ambiente estar calmo, enquanto as crianças brincavam nos diferentes espaços da sala. O guião da entrevista é apresentado no Quadro II.3.

Entrevista às crianças

1. Gostas de brincar na sala com os amigos?
2. Em que espaço da sala é que tu mais gostas de brincar?
3. Tu gostavas que houvesse um espaço na sala para brincarmos com as letras e com os números?
4. O que é que tu gostavas que esse espaço tivesse para brincar com as letras e com os números?

Quadro II.3 – Estrutura da entrevista às crianças

As entrevistas foram realizadas a todas as crianças do grupo que frequentaram o jardim de infância nesse dia. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas a 12 crianças do grupo, embora não fosse perceptível o discurso de uma das crianças entrevistadas. Como tal não a podemos contabilizar, sendo consideradas para o estudo 11 entrevistas. É importante referir que as crianças foram designadas por letras para proteger o seu anonimato e garantir a confidencialidade dos dados, tendo os pais tido conhecimento e a necessária cedência da autorização para a realização do estudo.

2.5.1.4. (Re)organização do espaço da área da escrita

A primeira fase da (re)organização do espaço da escrita (denominação em uso no grupo) ocorreu no dia 28 de novembro de 2016 (segunda-feira), no período da manhã pelas 10h30. Nesse momento apenas se encontrava na sala de atividades a autora deste estudo, pois o grupo de crianças encontrava-se no exterior com a educadora e a auxiliar da ação educativa. A escolha deste momento para (re)organizar o espaço da área da escrita relacionou-se com o objetivo pretendido e também porque não desejávamos despertar a atenção das crianças, logo de imediato, para o que estava a acontecer.

A (re)organização do espaço foi efetuada apenas pela estagiária e para tal foi necessário proceder à mudança de localização do armário dos jogos, tornando o espaço da escrita mais amplo (Figura II.3).



Figura II.3 – 1ª fase da (re)organização do espaço da área da escrita

O local escolhido para se (re)organizar o referido espaço justifica-se pelo facto de já se encontrar naquela parede da sala o armário com divisórias enriquecido com material de escrita. O principal objetivo com a (re)organização do espaço era que as crianças conquistassem autonomia não só no acesso ao mesmo mas também aos recursos disponíveis.

2.5.1.5. 1ª Introdução de materiais no espaço da área da escrita

Além da (re)organização do espaço da área da escrita também foram inseridos novos materiais que vinham ao encontro dos interesses demonstrados pelas crianças, face aos mesmos, nas entrevistas realizadas. Os materiais introduzidos foram o comboio dos números e os cartões com os nomes e fotografias de todas as crianças do grupo. Além destes materiais

também foram colocadas latas com etiquetas de identificação dos materiais de escrita que se encontravam no interior das mesmas (Figura II.4.).



Figura II.4 – Latas com etiquetas de identificação dos materiais de escrita

O comboio dos números era constituído pela máquina do comboio e por nove carruagens, sendo que em cada elemento se encontrava um número de 0 a 10 (Figura II.5).



Figura II.5 – Comboio dos números

Os números possuíam velcro, o que permitia às crianças colocá-los e retirá-los autonomamente. Todo este material foi colado com recurso a materiais reutilizáveis (em caixas de cereais) de modo a que se tornasse mais resistente e foi plastificado com o objetivo de ter uma maior durabilidade.

Nos cartões dos nomes, numa das faces encontrava-se o primeiro nome e o apelido da criança, acompanhados por uma foto da mesma e no seu verso encontrava-se escrito o nome completo da criança, tal como é possível de observar na Figura II.6.



Figura II.6 – Cartões com os nomes e fotografias das crianças

Também para os cartões dos nomes se utilizou o mesmo procedimento - colados em caixas reutilizáveis e plastificados de modo a que se tornassem mais resistentes e com maior durabilidade.

2.5.1.6. 2ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços

A partir do dia da (re)organização do espaço da área da escrita procedeu-se a uma nova recolha de dados, através das tabelas de frequência de espaço construídas no início da investigação.

O tempo desta recolha de dados foi exatamente o mesmo período de tempo que a da primeira, isto é, durante três semanas de segunda a quarta-feira, no período da manhã e uma vez ao dia. O período de recolha de dados iniciou-se no dia 28 de novembro e terminou no respetivo dia 14 de dezembro de 2016.

2.5.1.7. 2ª Introdução de materiais no espaço da área da escrita

Após os dados recolhidos, e a PES ter terminado, sentimos necessidade de proceder à recolha de mais dados para análise fora do período de tempo da prática, uma vez que esta teve uma curta duração, face aos dados recolhidos até à data.

No dia 23 de janeiro de 2017 foram inseridos novos materiais no espaço da área da escrita: ficheiros de imagens e o abecedário.

Na Figura II.7 é possível observar como o espaço da área da escrita se encontrava mais enriquecido após a 2ª introdução de materiais.



Figura II.7 – Enriquecimento do espaço com os novos materiais

Durante a seleção das temáticas dos ficheiros de imagens (Figura II.8) optou-se por escolher temáticas que fizessem parte da rotina diária/quotidiano das crianças. Assim seleccionámos as temáticas dos alimentos e dos animais. Foi nossa intenção colocar um número considerável de ficheiros de imagens. No total eram vinte, sendo que dez ficheiros faziam parte da temática dos alimentos e os restantes faziam parte da temática dos animais.

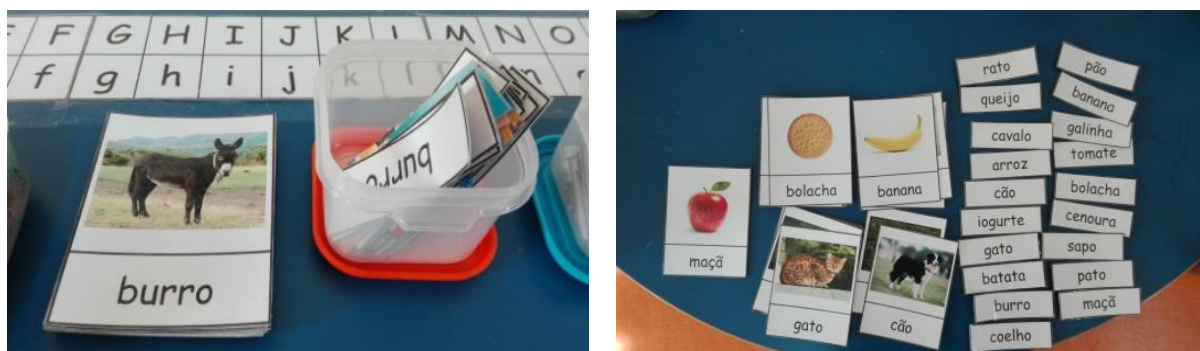


Figura II.8 – Ficheiros de imagens

O objetivo pretendido com os ficheiros de imagens era que a criança fizesse a correspondência da palavra ao ficheiro de imagem com a respetiva palavra e a imagem ilustrativa (Figura II.9).



Figura II.9 – Exemplos feitos por crianças

No que diz respeito ao abecedário, o mesmo foi colado na mesa que pertencia ao espaço da área da escrita (Figura II.10).



Figura II.10 – Abecedário plastificado e colado na mesa do espaço da área da escrita

Além desse abecedário, que se encontrava colado na mesa, também foram disponibilizadas letras soltas do abecedário completo, com as quais as crianças pudessem brincar e explorar. O objetivo deste jogo era que a criança fizesse a correspondência à respetiva letra do abecedário que se encontrava colada na mesa (Figura II.11).

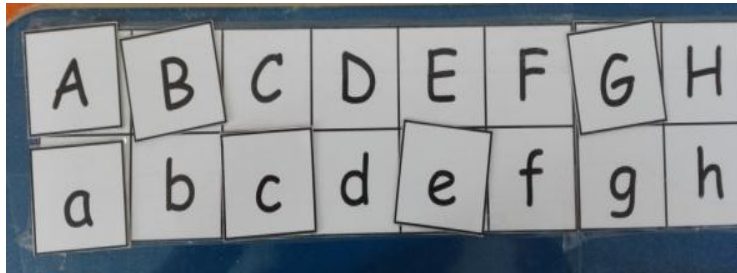


Figura II.11 – Exemplo feito por uma criança da correspondência de várias letras

Para os ficheiros de imagens e o abecedário, tal como o comboio dos números e os cartões dos nomes, usámos a mesma metodologia e materiais que nos outros recursos, já referidos (Figura II.12).



Figura II.12 – Materiais da área da escrita colados em caixas de cereais e plastificados

As crianças do grupo mostraram sempre muito agrado face aos materiais introduzidos no espaço da sala de atividades.

2.5.1.8. 3ª Aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços

Procedeu-se a uma nova recolha de dados que teve início no dia 23 de janeiro e término no dia 8 de fevereiro de 2017, utilizando as grelhas utilizadas nas recolhas de dados anteriores.

O tempo de recolha dos dados decorreu de forma idêntica às recolhas anteriores, isto é, durante três semanas de segunda a quarta-feira, no período da manhã e uma vez por dia.

2.5.1.9. Fichas de observação diárias

Em paralelo ao preenchimento das tabelas de frequência de espaço foram sendo preenchidas fichas de observação diárias.

A estagiária a partir do dia 23 de janeiro de 2017 permaneceu na sala de atividades durante três semanas, três horas no período da manhã para registar notas e posteriormente fazer as suas inferências, intuições e interpretações.

Durante estas três semanas houve quatro dias que não foi possível comparecer na instituição: duas vezes por razões pessoais e as restantes por motivos inerentes à saída do grupo da instituição.

O facto de já não ter de assumir a gestão do tempo, do grupo, dos materiais e a da rotina diária da sala de atividades, fez com que me encontrasse mais disponível para a observação.

A título de exemplo estão no corpo do relatório apenas duas fichas de observação (Figuras II.13 e II.14) encontrando-se as restantes no apêndice V.

Ficha de Observação nº1	
Data: 23 de janeiro de 2017 Hora: das 9H às 12H Duração da observação: 3 horas (período da manhã)	
Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Registo do fim de semana.	Tentativa de escrita do nome próprio por parte de todas as crianças do grupo presentes na sala de atividades. Maioria das crianças por iniciativa própria.
Mapa das Presenças.	As crianças reconheceram a mancha gráfica do seu nome devido à presença de fotografia de perfil de cada criança, afixada junto a cada nome.
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: registo do fim de semana, mapa das presenças e copos de água.
Identificação da mancha gráfica do nome nos copos de água.	A maioria das crianças do grupo não reconheceu a mancha gráfica do seu nome no copo de água, apesar dos copos terem sido colocados, estrategicamente, com os nomes virados de frente para as crianças.
Observação: Não foi possível recolher mais registos de observação devido à participação do grupo na atividade curricular de Educação Física.	

Figura II.13 – Ficha de observação n.º1

Ficha de Observação nº11	
Data: 10 de fevereiro de 2017 Hora: das 9H às 12H Duração da observação: 3 horas (período da manhã)	
Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, copos da água, cabides, batas, trabalho "A minha casa", trabalho "A primeira letra do meu nome" e lengalengas.
Mapa das presenças.	As crianças reconhecem a mancha gráfica do seu nome no mapa das presenças, com recurso à fotografia.
Puzzles e jogos.	As crianças revelaram interesse em puzzles e jogos de letras e números.
Atividades para desenvolver a motricidade fina...	Durante as atividades realizadas no período da manhã, as crianças desenvolveram a motricidade fina através da caneta de feltro grossa, do pincel, da plasticina, do abotoar a bata, do vestir, do calçar e
1	
	através da pega correta nos talheres.
Registo das observações das crianças.	- Quando vais de elevador para a tua casa tens de carregar num botão com um número. Que número é esse? (Educadora, 9:47H) - É o 2. (Sara, 9:48H) Após terminar o desenho... - Eu vou fazer o meu nome. (Filipa, 9:50H) A educadora pede a uma criança... - Joaquim vai ajudar o amigo a marcar a presença. (Educadora, 9:57H) - É em qual? (Joaquim, 9:58H) - E no nome dele. (Educadora, 9:58H)
Comunicação dos trabalhos "A primeira letra do meu nome" em grande grupo	À vez as crianças partilhavam com os amigos o seu trabalho. A pedido da educadora e com o auxílio da mesma, as crianças tinham de pronunciar oralmente qual a primeira letra do seu nome, indicar com o dedo na palavra do seu nome onde se encontrava essa mesma
2	

Figura II.14 – Ficha de observação n.º11

Tendo em consideração todas as fichas de observação preenchidas para a investigação, optámos por selecionar as fichas de observação nº 1 e nº 11 para apresentar no corpo do trabalho.

A escolha destas e não de outras, deve-se ao facto de se poder verificar que, na ficha de observação nº 1, a estagiária estava a preencher pela primeira vez um instrumento deste

gênero na sala de atividades e, como tal, poucas foram as notas, as inferências, as intuições e as interpretações que registou devido à sua inexperiência.

Contudo, na ficha de observação nº 11 é possível observar que foram registadas muitas mais notas, inferências, intuições e interpretações, devido à prática conquistada pela estagiária ao longo do preenchimento das fichas de observação, num natural processo de desenvolvimento da sua competência de observação.

2.5.1.10. Entrevista à educadora de infância cooperante

Para finalizar a recolha de informação, foi feita uma entrevista semiestruturada à educadora de infância cooperante no dia 17 de Fevereiro de 2017.

A entrevista foi realizada após a recolha de todos os dados para a investigação. O objetivo da mesma era saber se a educadora de infância cooperante verificou mudanças no comportamento/atitudes das crianças perante a linguagem escrita após a (re)organização do espaço da área da escrita.

A entrevista era constituída por quatro questões:

1. O que pensa acerca da (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades?
2. Nota que este novo espaço na sala de atividades provocou impacto nas crianças? De que forma(s)?
3. No que diz respeito aos materiais introduzidos na área da escrita, o que pensa acerca dos mesmos?
4. Após a (re)organização do espaço da área da escrita o que nota nas crianças relativamente a esta área do conhecimento?

As diferentes fases da entrevista semiestruturada são apresentadas nos apêndices, sendo elas: o guião da entrevista (VI), o protocolo da entrevista (apêndice VII), o primeiro tratamento da entrevista (apêndice VIII), a pré-categorização da entrevista (apêndice IX) e a grelha de categorização da entrevista (apêndice X).



CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE INTERPRETATIVA DOS DADOS

Capítulo 3 – Apresentação e Análise Interpretativa dos Dados

A análise apresentada neste capítulo utiliza diversas fontes de dados (apresentados no capítulo anterior), que foram analisados individualmente e que, num todo, se complementam entre si.

3.1. Frequência das crianças nos espaços da sala de atividades

Na análise dos resultados da 1ª aplicação da grelha de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços¹, organizados no Quadro III.1, pode-se perceber que o espaço de brincadeira na sala de atividades mais frequentado durante aquele período de tempo foi a garagem, sendo que uma possível justificação para isso se encontra no facto de este ter sido um espaço novo introduzido pela educadora de infância cooperante naquela altura.

		Frequência das crianças nos espaços/áreas da sala de atividades
Espaços de brincadeira na sala de atividades	Biblioteca	20
	Casinha	29
	Garagem	33
	Baú das Trapalhadas	17
	Cavalete	0
	Jogos	14
	Plasticina	16
	Desenho/Escrita	0
Áreas de trabalho na sala de atividades	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	51
	Expressão Plástica	30
	Matemática	29
	Conhecimento do Mundo	11

Quadro III.1 – Análise dos dados recolhidos na 1ª aplicação da grelha de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços

Através de uma breve leitura ao Quadro III.1 é possível verificar que o espaço de brincadeira que obteve mais frequência foi a garagem, com registo de 33 frequências, os espaços de brincadeira que não tiveram frequência alguma foram o desenho/escrita e o cavalete, que registaram ambos 0 frequências, a área de trabalho que obteve mais frequência foi a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, cujos dados remetem para 51 frequências e a área de

¹ Relembramos que a diferenciação – e a própria nomeação – entre “Espaços” e “Áreas” é de autoria da Educadora de Infância cooperante, que não conta com a nossa concordância.

trabalho que obteve menos frequência foi a área do Conhecimento do Mundo, que registou 11 frequências.

Registámos ainda que houve dois espaços de brincadeira que se destacaram pela não frequência de crianças no espaço, sendo eles o espaço do cavalete e o do desenho/escrita, esta última denominação utilizada pela educadora cooperante.

A educadora atribuía a designação de área do desenho/escrita devido ao facto de existirem materiais de escrita nesse espaço que pudessem proporcionar às crianças atividades que envolvessem a escrita, contudo as crianças não demonstravam interesse para tal nem para a linguagem escrita.

Em relação às restantes áreas de trabalho na sala de atividades, a que obteve mais frequência foi a da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

O facto do espaço de brincadeira desenho/escrita não ter obtido qualquer frequência por parte das crianças, causa alguma preocupação, pois é notório a falta de atitudes/predisposição para a linguagem escrita e a falta de iniciativa das crianças para a realização do desenho livre, dado que este é a primeira forma de escrita.

Neste sentido, Horta (2016, p. 28) possui a mesma opinião quando afirma que, na infância, «quando a criança adquire o controlo mínimo da sua motricidade fina e tem acesso aos materiais de escrita, o desenho surge-lhe naturalmente como a sua primeira forma de comunicar, sendo este assumido como a sua primeira forma de escrita».

É de salientar que estamos conscientes da existência de algumas variáveis que podem ter condicionado os resultados, tais como:

- o facto do registo diário ter sido uma vez por dia durante três semanas e apenas durante o período da manhã;
- a assiduidade das crianças na instituição, uma vez que nem todas eram assíduas
- o número limite de crianças por espaço (organização);
- a influência da educadora face à escolha das áreas de atividades (organização do grupo).

Ao analisar as entrevistas às crianças, pode-se inferir que estas demonstram ternura pelos seus amigos; que cada criança possui o seu foco de interesse até mesmo no que diz respeito às brincadeiras; que afirmaram gostar da ideia de existir um espaço na sala para brincarem com

letras e com os números; e ainda que cada criança demonstrou a sua opinião de acordo com a sua personalidade e de acordo com a sua preferência de brincadeiras ou zonas de brincadeira na sala de atividades.

	Questão 1. Gostas de brincar na sala com os amigos?	Questão 2. Em que espaço da sala é que tu mais gostas de brincar?	Questão 3. Tu gostavas que houvesse um espaço na sala para brincarmos com as letras e com os números?	Questão 4. O que é que tu gostavas que esse espaço tivesse para brincar com as letras e com os números?
Respostas	<ul style="list-style-type: none"> • sim (9); • gosta muito (3). 	<ul style="list-style-type: none"> • garagem (4); • cavalete (1); • biblioteca (1); • jogos (2); • casinha (6); • plasticina (1); • baú das trapalhadas (1). 	<ul style="list-style-type: none"> • sim (11). 	<ul style="list-style-type: none"> • brinquedos (1); • números (2); • letras (4); • carros (1); • nome (1); • comboio (1); • balde (1); • lápis (1); • canetas (3); • jogos (4); • desenhos (2); • folhas (1); • plasticina (2).

Quadro III.2 - Análise de conteúdo das entrevistas às crianças

No Quadro III.2 é apresentada uma breve análise de conteúdo das respostas dadas pelas crianças nas entrevistas. Através de uma breve leitura ao quadro podemos verificar que de um modo geral as crianças responderam que gostam de brincar com os amigos da sala; diversos foram os espaços mencionados quando nos referimos ao espaço preferido para brincarem, sendo que o espaço da casinha foi o mais mencionado; todas as crianças manifestaram interesse na existência de um espaço na sala de atividades onde pudessem brincar com as letras e com os números; diversos foram os materiais enumerados pelas crianças, que gostavam de ver incluídos no espaço da área da escrita.

Com a (re)organização do espaço da área da escrita é possível verificar que todas as crianças do grupo demonstraram interesse e sobretudo muita curiosidade no que diz respeito à sua organização e disposição na sala de atividades.

A educadora de infância cooperante, quando entrevistada, mencionou que a organização do espaço da área da escrita na sala de atividades *foi uma mais valia, tornou o espaço mais rico, mais estimulante, mais motivador, no fundo despertou-os de uma forma mais ativa para a escrita.*

O facto de o espaço estar mais “próximo” das crianças, isto é, em termos de acesso das crianças para com o mesmo fez com que as crianças começassem a frequentar o espaço inúmeras vezes.

O espaço começou a ser frequentado pelas crianças mais velhas da sala mas, apesar disso, as crianças mais novas passavam pelo espaço e observavam como este se encontrava (re)organizado. É de salientar que eram as crianças mais velhas que “atraíam” as crianças mais novas para visitar e brincar no espaço da área da escrita.

Nas palavras da educadora de infância cooperante:

ainda bem que a Érica criou [o espaço da área da escrita], porque noto diferença. A maior parte do grupo tem iniciativa para explorar o espaço. Os mais pequeninos ainda só querem é brincar nos outros espaços e não vão até lá, mas a maior parte do grupo vai até lá e explora da maneira que entende.

Segundo a ficha de observação n.º 2 a área da escrita é um «espaço muito utilizado pelas crianças no período do acolhimento» (25 de Janeiro de 2017).

Na ficha de observação n.º10, em conversa com a educadora, a mesma «referiu que durante o tempo de acolhimento, as crianças escolhem muitas das vezes o espaço da área da escrita para brincar». Acrescentou ainda que «o espaço da área da escrita é utilizado nos períodos da tarde pelas crianças» (9 de fevereiro de 2017).

Um aspeto que se verificou com a 1ª introdução de materiais no espaço da área da escrita foi que estes estiveram na origem da grande frequência das crianças ao espaço da área da escrita, pois causaram um enorme impacto nas crianças. De todos os materiais inseridos, nesta fase da investigação, tanto o comboio dos números, como os cartões com os nomes e fotografias das crianças eram as principais atrações no espaço da área da escrita.

A criança D, quando entrevistada afirmou que gostava que o espaço da área da escrita tivesse *letras, carros, o meu nome e um comboio*. A criança J disse que gostava que no espaço houvesse *plasticina, jogos, letras e números* (16 de novembro de 2016).

A educadora de infância cooperante referiu, na entrevista, que *o comboio dos números foi o que mais os motivou, eles vão lá explorá-lo em momentos de atividade livre, mas também em atividades dirigidas*.

Partindo da análise da 2ª aplicação das grelhas de registo de frequência das crianças nos espaços, verificámos que o espaço de brincadeira da área da escrita foi o espaço que obteve mais frequência de crianças durante aquele período de tempo.

Curiosamente, na primeira recolha de dados o espaço da área da escrita não apresentou qualquer frequência das crianças no mesmo. A partir da data da (re)organização do espaço da área da escrita optou-se por usar esta nova denominação para o espaço, sendo ela “área da escrita” e deixou-se de denominar este espaço da forma como a educadora de infância cooperante o fazia que era “espaço do desenho/escrita”. A análise dos dados recolhidos na 2ª aplicação das grelhas de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços é apresentada no Quadro III.3.

		Frequência das crianças nos espaços/áreas da sala de atividades
Espaços de brincadeira na sala de atividades	Biblioteca	18
	Casinha	20
	Garagem	17
	Baú das Trapalhadas	9
	Cavalete	0
	Jogos	17
	Plasticina	12
	Área da Escrita	33
Áreas de trabalho na sala de atividades	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	27
	Expressão Plástica	27
	Matemática	13
	Conhecimento do Mundo	14

Quadro III.3 – Análise dos dados recolhidos na 2ª aplicação da grelha de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços

Através de uma breve leitura ao Quadro III.3 é possível verificar que o espaço de brincadeira que obteve mais frequência foi a área da escrita, com registo de 33 frequências.

O espaço de brincadeira que não teve frequência alguma foi o cavalete, que registou 0 frequências, e as áreas de trabalho que obtiveram mais frequências foram a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, bem como a área da Expressão Plástica, cujos dados remetem em ambas para 27 frequências.

Quanto à área de trabalho que obteve menos frequência foi a área da Matemática, que registou apenas 13 frequências.

A 2ª aplicação da grelha de registo de frequência individual nos espaços ajudou a compreender estes dados, sendo que se encontra disponível para consulta no apêndice XI.

Deste modo, o balanço foi bastante positivo, considerámos que foi a (re)organização do espaço da área da escrita que promoveu essas escolhas e o aumento da frequência por parte das crianças. O espaço do cavalete continuava mais uma vez a não ter qualquer procura por parte das crianças. No que diz respeito às áreas de trabalho na sala de atividades, a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita continuou a liderar.

Na 2ª introdução de materiais no espaço da área da escrita, que ocorreu de forma positiva, as crianças demonstraram entusiasmo em querer explorar os novos materiais.

O facto de serem novos, de serem didáticos e de despertarem grande interesse e curiosidade às crianças, levou a que as mesmas procurassem explorar e brincar com os materiais na área da escrita. Mais uma vez, na escolha dos materiais a inserir no espaço da área da escrita tentámos satisfazer os pedidos, as vontades e os desejos manifestados pelas crianças nas entrevistas.

Podemos verificar um exemplo dessa situação na resposta dada pela criança E, na entrevista, quando referiu que gostava que no novo espaço houvesse *um balde...letras* (16 de novembro de 2016).

Na ficha de observação n.º2 encontra-se registado que as crianças «demonstram interesse e entusiasmo pelos novos materiais (ficheiros de imagens e alfabeto)» (25 de janeiro de 2017).

Também na ficha de observação n.º5 também é possível ler que as crianças «revelam grande entusiasmo pelos ficheiros de imagens e pelo jogo associado aos mesmos» (31 de janeiro de 2017).

Segundo a educadora de infância cooperante, na entrevista, *no outro dia [as crianças] estavam a ver um livro e foram lá [ao espaço da escrita] buscar o cartão para associar a alguma palavra do livro.*

Os excertos retirados das fichas de observação n.º 2 e n.º 5 e da entrevista à educadora de infância cooperante demonstram o quanto as crianças se encontravam entusiasmadas com os novos materiais inseridos no espaço da área da escrita e o valor que atribuem aos mesmos.

Apesar do interesse despertado pelas crianças por estes novos materiais no espaço, foi notório que os materiais que mais as cativavam para o espaço da área da escrita continuavam a ser o comboio dos números e os cartões com os nomes e fotografias das crianças. No entanto, é de salientar que apesar de serem estes os materiais favoritos das crianças, as mesmas não deixavam de querer brincar e explorar os novos materiais. Por isso, concluiu-se que os materiais introduzidos na segunda vez no espaço da área da escrita também causaram grande impacto nas crianças.

Partindo dos dados obtidos na 3ª aplicação das grelhas de registo de frequência individual e coletiva nos espaços e da sua análise, infere-se que o espaço da área da escrita foi o que obteve mais frequência de crianças naquele período de tempo em permanência com os resultados anteriormente obtidos, e o espaço que não teve frequência alguma continuava a ser o espaço do cavalete.

Poderá existir uma justificação para estes últimos dados, que se prende com o facto de as crianças não possuírem autonomia para o usarem, pois sempre que pretendem frequentá-lo têm de pedir a um adulto que lhes coloque uma folha branca pregada com pioneses numa parede de cortiça, que lhes dê pincéis e abra os recipientes com tintas.

Além disso, como as crianças sabem que existem espaços na sala que podem usufruir sem pedir ajuda ao adulto, preferem frequentar esses mesmos espaços do que o espaço do cavalete.

Por isso as escolhas recaem sobre atividades que podem ser realizadas de forma autónoma. A análise dos dados recolhidos na 3ª aplicação das grelhas de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços é apresentada no Quadro III.4.

		Frequência das crianças nos espaços/áreas da sala de atividades
Espaços de brincadeira na sala de atividades	Biblioteca	12
	Casinha	17
	Garagem	18
	Baú das Trapalhadas	15
	Cavalete	0
	Jogos	17
	Plasticina	9
	Área da Escrita	26
Áreas de trabalho na sala de atividades	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	61
	Expressão Plástica	39
	Matemática	0
	Conhecimento do Mundo	13

Quadro III.4 – Análise dos dados recolhidos na 3ª aplicação da grelha de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços

Através de uma breve leitura ao Quadro III.4 é possível verificar que o espaço de brincadeira que obteve mais frequência foi a área da escrita, com registo de 26 frequências.

O espaço de brincadeira que não teve frequência alguma foi o cavalete, que registou 0 frequências, e a área de trabalho que obteve mais frequência foi a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, com registo de 61 frequências. Quanto à área de trabalho que obteve menos frequência foi a área da Matemática, que registou 0 frequências.

A 3ª aplicação da grelha de registo de frequência individual nos espaços ajudou a compreender estes dados, sendo que se encontra disponível para consulta no apêndice XII.

No que diz respeito às áreas de trabalho, a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita manteve mais uma vez a liderança face às restantes áreas de trabalho. A área da Matemática não obteve qualquer frequência, uma vez que nos meses em que foi realizada esta recolha de dados, a educadora de infância cooperante direcionou o trabalho em sala de atividades para a temática do Natal, não tendo assim conseguido ter tempo para realizar trabalhos na área da matemática.

A entrevista à educadora de infância cooperante serviu para complementar e ampliar as observações feitas ao longo de toda a investigação. Assim sendo, após a análise da entrevista verificámos que a (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades, para a educadora *foi muito bom, foi muito benéfico tanto para elas [crianças] como para mim.*

A educadora de infância cooperante também referiu que a referida (re)organização despertou o interesse das crianças para a linguagem escrita pelos materiais lá introduzidos que foram considerados do interesse e agrado delas: *ao brincarem e usufruírem daquele espaço, ficam mais despertas para a escrita, deixando-as mais predispostas para adquirirem competências nesta área em vários momentos e atividades do seu dia-a-dia.*

Deste modo, a educadora de infância cooperante mostrou-se muito grata por ter sido (re)organizado o espaço da área da escrita, pois tornou-se uma mais valia, quer para as crianças, quer para si, tendo em conta a sua intencionalidade educativa.

Retomamos as suas palavras:

ainda bem que a Érica está cá, porque me ajudou neste sentido, porque eu estou a sentir diferença e, da próxima vez que tiver um grupo com esta faixa etária vou certamente pensar doutra forma e vou começar a implementar um espaço da escrita como este, porque acredito que pode trazer benefícios para as crianças, acrescentando ainda que esta estimulação não implica a obrigatoriedade, eles aprendem porque têm interesse em explorar e brincar com os materiais existentes na área.

Ao compararmos as análises dos dados recolhidos, em períodos distintos, nesta investigação podemos verificar que houve uma grande evolução na frequência das crianças no espaço da área da escrita.

A análise comparativa dos dados recolhidos pelas três grelhas de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços da sala de atividades é apresentada no Quadro III.5.

Data dos dados recolhidos (meses)	Espaços de brincadeira na sala de atividades								Áreas de trabalho na sala de atividades			
	Biblioteca	Casinha	Garagem	Baú das Trapalhadas	Cavalete	Jogos	Plasticina	Área da Escrita	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Expressão Plástica	Matemática	Conhecimento do Mundo
Outubro (1.^a aplicação da grelha)	20	29	33	17	0	14	16	0	51	30	29	11
Novembro e Dezembro (2.^a aplicação da grelha)	18	20	17	9	0	17	12	33	27	27	13	14
Janeiro e Fevereiro (3.^a aplicação da grelha)	12	17	18	15	0	17	9	26	61	39	0	13
TOTAIS	50	66	68	41	0	48	37	59	139	96	42	38

Quadro III.5 – Análise comparativa dos dados recolhidos pelas grelhas de registo de frequência coletiva das crianças nos espaços

Fazendo uma breve leitura ao Quadro III.5 verificou-se que no espaço da área da escrita o número de frequência das crianças nesse espaço foi aumentando, não tendo tido qualquer

frequência durante a 1ª aplicação da grelha, contudo na 2ª e 3ª aplicação das grelhas foi o espaço da área da escrita que liderou no que respeita à frequência das crianças nos diversos espaços da sala de atividade e no total.

Outro dado que se destaca é a não frequência das crianças no espaço do cavalete em nenhuma das 3 aplicações das grelhas. No que se refere às áreas de trabalho, a área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi a que liderou consecutivamente.

Constatámos também que inicialmente quando as crianças jogavam a um jogo de números ou letras não atribuíam qualquer valor e não reconheciam nem as letras, nem os números.

Com a (re)organização do espaço da área da escrita, as crianças começaram a demonstrar um maior interesse por estar a fazer atividades autónomas naquele espaço e também por quererem frequentá-lo.

Derivado ao facto de a adesão ao espaço da área da escrita por parte das crianças ter aumentado significativamente, houve necessidade de estabelecer um número limite de crianças no espaço, sendo que só podiam usufruir do espaço três crianças de cada vez.

Outro aspeto importante a referir é que no início da investigação as crianças não demonstravam entusiasmo em identificar os trabalhos com os seus nomes e no último período da recolha de dados isso não acontecia, pois a primeira coisa que as crianças faziam era tentar escrever o seu nome nos trabalhos com a ajuda dos cartões com os nomes e fotografias.

Resta ainda acrescentar que com o decorrer da investigação foi possível verificar um aumento na frequência das crianças no espaço da área da escrita, tal como já tinha sido referido, mas é curioso que o espaço do cavalete durante o decorrer da investigação não sofreu qualquer alteração no que diz respeito à frequência das crianças, mantendo-se sempre a zero.

3.2. Predisposição/atitudes de escrita das crianças

No que diz respeito à presença da linguagem escrita, ao analisar os dados recolhidos verifico que o diário de observação me trouxe muitos benefícios, uma vez que a informação estava a ser organizada semana após semana, o que me permitia acompanhar como era estabelecido, com a intencionalidade pedagógica da parte da educadora de infância cooperante, o contacto entre as crianças e a linguagem escrita não só no espaço desenho/escrita, mas na sala de atividades em geral.

Na análise dos registos do diário de observação direta é possível encontrar o seguinte excerto: “Na minha primeira semana de prática fui muito observadora... o meu objetivo foi focar-me na organização da sala de atividades. Além disso, estive muito desperta para os materiais de escrita existentes na sala de atividades, para o local onde os mesmos se encontravam e ainda para todos os espaços e registos onde a escrita estava presente” (19 de setembro de 2016).

Também no mesmo instrumento pode encontrar-se uma listagem que diz respeito aos materiais de escrita existentes na sala de atividades antes da (re)organização do espaço da escrita (registo efetuado a 19 de setembro de 2016): «lápiz de carvão; lápis de cor grossos; lápis de cor fininhos; lápis de cera grossos; canetas de feltro finas; canetas de feltro grossas; tubos de cola.»

Pela análise do diário podemos ler que «na segunda semana de prática decidi elaborar uma lista, quer através da observação, quer através dos registos fotográficos tirados no dia 28 de setembro, para registar onde é que a escrita estava presente na sala de atividades. Foi então que surgiu a lista que se segue:

A escrita está presente na sala de atividades...

- nos cartões de identificação de cada espaço de brincadeira livre;
- nos títulos das áreas de trabalho;
- nos registos dos trabalhos de expressão plástica;
- no cartaz alusivo às regras da sala;
- nos registos do fim de semana;
- no móvel para arrumação dos trabalhos;
- nos registos dos trabalhos de matemática;
- no registo escrito para contextualizar os trabalhos de matemática;
- em algumas caixas de material diverso;
- em alguns “potes” que contêm material de escrita;
- na caixa que contém material áudio;
- nos copos de água;
- nos cabides;

- nos envelopes para recados;
- na porta da sala de atividades;
- nas lancheiras;
- nos tupperware;
- nos produtos alimentares.» (28 de setembro de 2016).

Com a 1ª introdução de materiais no espaço da área da escrita, confirmamos que os materiais disponibilizados despertaram grande interesse nas crianças.

A educadora de infância cooperante, na entrevista, afirmou que *os jogos que foram lá colocados são do agrado das crianças, e tenho notado que eles têm revelado um maior interesse pelas letras e por descobrir como se escrevem determinadas palavras.*

Acrescentou ainda que

Os cartões dos nomes têm sido alvo de interesse, as crianças exploram-nos regularmente e, devido ao facto da Érica ter colocado o nome completo tem suscitado curiosidade, despertando-os para a mancha gráfica e letras do sobrenome. Por vezes, questionam-me qual nome que está no meio, porque alguns não conhecem o seu nome completo. Questionam o nome dos amigos e fazem observações e comparações pela existência de vários nomes que se iniciam com a mesma letra.

Além do entusiasmo por estes materiais, as crianças, nesta fase da investigação, começaram a demonstrar interesse por fazer rabiscos e desenhos. Deste modo, podemos referir ainda que a (re)organização do espaço da área da escrita veio despertar o interesse das crianças em explorar coisas novas e materiais didáticos novos, despertando-as assim para a prática de desenhos/rabiscos e para o contacto com as letras e com os números.

Exemplo dessa situação foram os dados registados na ficha de observação n.º5 que mencionam que «as crianças revelam interesse em fazer desenhos na área da escrita» (31 de janeiro de 2017).

Segundo Vygotsky (1989) o desenvolvimento do desenho requer duas condições: a primeira é o domínio do ato motor, pois o desenho é o registo do gesto e depois passa a ser o de uma imagem; a segunda é a relação que existe com a fala no ato da produção do desenho. Assim sendo, a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica.

Neste sentido, e visto o desenho ser relevante na vida de uma criança, a educadora de infância cooperante, reforçou, afirmando que *as crianças gostam de fazer lá* [no espaço da área da escrita] *desenhos, de escrever*.

Também na ficha de observação n.º2 é possível ler-se o seguinte excerto:

- Olha o meu desenho. (criança G)
- Está tão lindo! (Érica)
- Sou eu, sozinha, no ballet. (criança G)
- E o que falta no desenho para sabermos que é teu? (Érica)
- O nome. (criança G) (25 de janeiro de 2017).

Ainda na ficha de observação n.º6 é possível ler que «as crianças demonstraram interesse por jogos que envolvam números palavras e figuras geométricas» (1 de fevereiro de 2017) e ainda na ficha de observação n.º11: «as crianças revelaram interesse em puzzles e jogos de letras e números» (10 de fevereiro de 2017).

Os excertos acima transcritos, referentes às fichas de observação e à entrevista dada pela educadora de infância cooperante, foram selecionados de forma a comprovar que após a (re)organização do espaço da área da escrita e com a 1ª introdução de materiais no espaço, as crianças começaram a demonstrar interesse em querer fazer desenhos e revelaram curiosidade em relação às tentativas de escrita.

Para Ferreiro (1985, p. 55),

desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente.

Portanto, se ler não é apenas descodificar e se escrever não é apenas copiar, logo quando a criança estiver a desenhar ou a escrever irá estar a expressar as suas ideias ou sentimentos.

Após a análise das fichas de observação diárias verificou-se que as crianças se encontram muito mais despertas para a linguagem escrita, as suas predisposições de escrita tiveram um aumento significativo, demonstram grande interesse por jogos de números e letras, revelam gosto pelo desenho, identificam sinais de escrita na sala de atividades e demonstram interesse por escrever o seu próprio nome.

Diversos são os excertos, dos vários instrumentos utilizados para a recolha de dados, que evidenciam os aspetos acabados de mencionar, sendo eles transcritos de seguida.

Na ficha de observação n.º 1 no momento do registo do fim de semana ocorreu a «tentativa de escrita do nome próprio por parte de todas as crianças do grupo presentes na sala de atividades. Maioria das crianças por iniciativa própria» (23 de janeiro de 2017).

Ainda na ficha de observação n.º 6 é possível ler que «a maioria das crianças presentes iniciou a atividade do registo do fim de semana pela tentativa de escrita do seu nome. Em algumas crianças, a tentativa de escrita aproxima-se muito do real e é bastante perceptível» (6 de fevereiro de 2017).

Também na ficha de observação n.º 2 encontra-se registada uma situação de tentativa de escrita de uma criança: «A menina fez um desenho e quando terminou pegou numa caneta e tentou escrever o seu nome no seu trabalho. De seguida, a educadora pediu à menina para ir [à área da escrita] buscar a etiqueta com o seu nome. Depois, a educadora, após a menina lhe ter trazido a etiqueta, colocou a etiqueta junto à tentativa de escrita da criança. Letra a letra a educadora comentou a tentativa de escrita da criança. (25 de janeiro de 2017).

Os excertos acima transcritos são referentes às atitudes de escrita manifestadas pelas crianças, após a (re)organização do espaço da área da escrita, e de a estagiária intencionalizar a sua prática no sentido de despertá-las para a linguagem escrita.

Também a estagiária foi um “modelo de escrita” para as crianças, assim como a educadora de infância cooperante e a auxiliar de educação.

Estas são razões pelas quais acreditamos que tenha sido despertado nas crianças o interesse e a curiosidade para a linguagem escrita.

Inicialmente, era nosso objetivo que as crianças explorassem e brincassem livremente com os cartões dos nomes, e é certo que tal aconteceu. Contudo, com a importância que nós, adultos, em sala de atividades, inculcávamos nas crianças relativamente à linguagem escrita, estas começaram a manifestar um crescente interesse face às tentativas/predisposições de/para (a) escrita.

Foi neste momento que percebemos que as crianças mais velhas, as que se encontravam mais despertas para a linguagem escrita, começaram a ir buscar o seu cartão do nome à área da escrita e a colocá-lo em paralelo com uma folha ou um desenho e tentavam copiar,

autonomamente, letra a letra o seu primeiro nome. Quando terminavam, estivesse perceptível ou não, para a criança, o que lá se encontrava escrito era o seu nome.

Neste sentido, durante o preenchimento da ficha de observação n.º 2 foi notório para a estagiária tal aspeto e visto ser algo relevante para a investigação tinha de ser registado. «Inicialmente, as etiquetas dos nomes foram criadas com o objetivo das crianças as explorarem de forma autónoma. Mas atualmente, devido às tentativas de escrita por parte das crianças, as etiquetas servem de auxílio na tentativa de escrita autónoma das crianças» (25 de janeiro de 2017).

Segundo Horta (2016a, p. 29) «o nome de cada um de nós traz consigo uma enorme carga afetiva». É algo que nos diferencia dos outros e será a primeira palavra que a criança aprenderá a ler (identificar) e quererá escrever (May, Bingham & Barret-Mynes, 2010).

Continua a sua ideia referendo que os «nomes próprios são intensamente pessoais (ninguém gosta quando nos trocam o nome) e, perante este facto, as crianças aprendem a escrever primeiro os seus nomes muito mais depressa do que quaisquer outras palavras» (Horta, 2016a, p. 30).

A educadora de infância cooperante afirmou: *noto que há crianças que já fazem o nome delas e que antes não faziam, noto que há crianças que inventam palavras à maneira delas, fazem as suas palavras e que antes isso não acontecia.*

No que respeita à organização do ambiente educativo, um espaço onde a aprendizagem cresce dia para dia, a educadora de infância cooperante, afirmou que a organização da área da escrita *provocou [impacto nas crianças], especialmente nas mais velhas portanto, elas gostam muito de brincar nesse espaço, gostam de copiar muito as palavras que estão lá nos jogos e os nomes delas também.* Mencionou ainda que as crianças às vezes estão na mesa a fazer *desenhos, vão buscar o nome para copiar.*

Neste sentido, é notório afirmar que as crianças perceberam que podem deslocar os materiais introduzidos no espaço da área da escrita para outros espaços da sala de atividades, quer em atividades livres, quer em atividades dirigidas, de acordo com a sua necessidade.

Segundo a educadora de infância cooperante *o interesse pela escrita aumentou e isso nota-se não só na ida àquele espaço, mas em tudo o resto que eu [educadora de infância] faço. Portanto, tem repercussão nas minhas atividades, no que eles fazem no dia-a-dia, quando conto histórias, na curiosidade deles.*

Em relação ao espaço da área da escrita, é um espaço frequentado por muitas crianças do grupo, sendo que as crianças mais velhas demonstram um maior interesse.

No que diz respeito aos materiais disponibilizados na área da escrita, o comboio dos números foi o que mais os fascinou, assim como os cartões com os nomes e fotografias.

Pensamos que este facto se justifica porque o nome é algo pelo qual as crianças demonstram muita curiosidade por ser algo pessoal e único de cada pessoa/criança e também porque nos cartões se encontravam fotografias de perfil que cativaram bastante a sua atenção.

Horta (2016a, p. 30) refere também que

os cartões com o nome da criança devem ter, num lado, o seu nome próprio e apelido e, no verso, o seu nome completo [e acrescenta ainda que] o nosso nome comporta em si uma grande carga afetiva e não me reporto apenas ao nome próprio, mas sim ao nome completo, pois trata-se de dos nomes dos nossos pais que sempre nos acompanham, revelando os laços familiares, e que nos distinguem do parentesco com outras pessoas.

Tendo em conta a opinião da educadora de infância cooperante *as crianças estão mais despertas para algumas coisas que digo, questionando-me como é que isso se escreve, por que letra começa determinada palavra e penso que de certa forma, isto tem a ver com esta estimulação e o aparecimento desta área* [na sala de atividades].

Também foi notório pela estagiária, o aumento do interesse das crianças pelas letras, visto a mesma ter passado muito tempo na sala de atividades com as crianças durante o decorrer da investigação, para recolher dados.

A educadora de infância cooperante explica também que *é notório que as crianças, ao brincarem e usufruírem daquele espaço* [da área da escrita], *ficam mais despertas para a escrita, deixando-as mais predispostas para adquirirem competências nesta área em vários momentos e atividades do dia-a-dia.*

Quando entrevistada, a educadora de infância cooperante salientou ainda que a predisposição de escrita por parte das crianças aumentou, pois *tenho notado que eles têm revelado um maior interesse pelas letras e por descobrir como se escrevem determinadas palavras.*

Análise Global

Não queremos (nem podemos) generalizar a informação decorrente dos dados recolhidos.

No entanto, podemos afirmar que a (re)organização realizada no espaço da escrita daquela sala de atividades foi uma mais-valia, pois deu origem a um aumento da frequência das crianças naquele espaço e ainda despertou nas mesmas um maior interesse face à linguagem escrita, o que se revelou, de forma constante, na sua predisposição para este tipo de linguagem. Interesse que não era notório no início do ano letivo quando o espaço da escrita se encontrava organizado de outra forma.

No que respeita às opções metodológicas, os instrumentos construídos para recolher os dados permitiram de uma forma simples e concreta obter dados relevantes para o estudo e, conseqüentemente, facilitaram a análise dos dados recolhidos. Dados esses que foram de grande importância para o estudo, para que fosse possível (re)organizar o espaço da escrita tendo em consideração os interesses e as necessidades individuais de cada criança do grupo. Para tal, as entrevistas às crianças foram um dado relevante para o processo.

Fazer uma análise, em que foi fundamental o cruzamento de todos os dados recolhidos através dos instrumentos utilizados na investigação, permitiu-nos perceber o quanto os instrumentos se complementam entre si, bem como todos os dados recolhidos ao longo do estudo. Individualmente, os dados recolhidos não seriam valorizados da mesma forma e não permitiriam chegar à análise a que se chegou nesta investigação.

As tabelas de frequência individual e coletiva das crianças nos espaços daquela sala de atividades confirmaram um maior uso do espaço, tal como referido na entrevista à educadora de infância cooperante.

A (re)organização do espaço da escrita permitiu a apropriação de novos materiais nesse mesmo espaço, materiais esses do interesse e agrado das crianças. Os materiais suscitaram a curiosidade das crianças e cativaram-nas para o uso do espaço. As crianças mais velhas do grupo eram as que mais frequentavam o espaço da escrita. Contudo, as crianças mais novas eram convidadas a explorar o espaço pelas crianças mais velhas.

Face à análise feita aos dados da investigação, foi notório perceber o quanto as crianças despertaram o seu interesse no que respeita à linguagem escrita, sendo possível verificar essa realidade através dos seus comportamentos e atitudes.

Tendo em conta os objetivos delineados para a investigação podemos afirmar que os mesmos foram alcançados: de uma forma sucinta, a frequência das crianças no espaço da escrita aumentou de forma significativa.

As tabelas de frequência individual e coletiva das crianças nos espaços foram uma mais-valia para se comparar os níveis de frequência nos diversos espaços da sala, a (re)organização do espaço da escrita foi um sucesso e as crianças começaram a despertar interesse pela linguagem escrita após a sua (re)organização, surgindo assim comportamentos e atitudes de escrita por parte das crianças, não só no próprio espaço da escrita como também nos restantes espaços da sala e em atividades/trabalhos.

Conclusões

Este estudo pretendeu dar a conhecer o despertar do interesse pela linguagem escrita num grupo de 2 e 3 anos de idade após a (re)organização do espaço da escrita na sala de atividades desse mesmo grupo de crianças.

Horta (2015, p. 5) explica que

tal como todas as outras aprendizagens do mundo social que a criança realiza, em contexto de educação pré-escolar, também a linguagem escrita deve emergir dos interesses das próprias crianças que a devem apreender como uma necessidade, devendo o educador, para isso, permitir-lhe não apenas o gosto por aprender, mas também o interesse em querer saber mais.

Os objetivos delineados para a investigação surgiram como forma de dar resposta às questões de investigação: «Qual será o impacto da (re)organização do espaço da área da escrita, numa sala de atividades, com um grupo constituído por crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos de idade?», «Poderão os materiais inseridos no espaço da área da escrita influenciar a frequência das crianças no próprio espaço?» e «Será que a (re)organização do espaço da escrita leva as crianças a manifestarem atitudes de interesse por este tipo de linguagem?».

Com os resultados obtidos percebemos que cumprimos todos os objetivos estipulados no início da investigação e que demos uma resposta afirmativa a todas as questões de investigação do estudo.

Em suma, foi (re)organizado um espaço da escrita na sala de atividades de um grupo, o que possibilitou comparar, através das grelhas de frequência individual e coletiva das crianças nos espaços, a frequência das crianças no espaço da escrita, antes, durante e após a (re)organização do mesmo.

Os materiais introduzidos no espaço da escrita foram selecionados, tendo em consideração o interesse das crianças e o potencial que poderiam ter para a sua aprendizagem. Lopes da Silva et al. (2016, p. 26) afirmam que «a importância dos materiais na aprendizagem das crianças implica que o/a educador/a defina prioridades na sua aquisição, de acordo com as necessidades das crianças».

Verificou-se pelos resultados obtidos que a (re)organização do espaço da escrita e os materiais introduzidos no mesmo originaram um aumento significativo das crianças no usufruto do espaço na sala de atividades.

Este relatório apresenta todo o processo da (re)organização do espaço da escrita naquela sala de atividades e explicita a importância de criar ambientes estimulantes e construir materiais lúdicos para a criança, designadamente no que à aprendizagem da linguagem escrita diz respeito.

Limitações e sugestões para um trabalho futuro

É relevante que seja proporcionado o contacto com a linguagem escrita às crianças desde o início da educação de infância. Contacto esse que pode ser feito a partir de um espaço próprio, em contexto de jardim de infância, tal como o espaço (re)organizado no decorrer desta investigação ou por meio de materiais lúdicos que permitam à criança explorar a linguagem escrita e despertar, de forma livre e espontânea, para este tipo de linguagem.

Consideramos que uma grande limitação para o estudo foi o tempo útil para a investigação, ou seja, o facto desta ter sido realizada num curto espaço de tempo impediu que se obtivesse uma maior recolha de dados para análise, o que nos poderia também permitir uma outra continuidade e aprofundamento à mesma.

Como forma de dar continuidade ao estudo iniciado, seria interessante acompanhar este grupo de crianças e ver a sua evolução ao longo de toda a educação pré-escolar, com o intuito de observar os progressos das aprendizagens e do conhecimento das crianças face à linguagem escrita.

Em termos de sugestões, pensamos que seria interessante realizar uma investigação onde se pudessem investigar os efeitos, para o mesmo grupo de crianças e na mesma sala de atividades, da (re)organização de outra área com o intuito de perceber qual seria o impacto provocado no grupo e ainda qual o interesse manifestado.

Contributos do estudo em termos pessoais e profissionais

Como estudante reconheço a importância da forma como o curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar se encontra organizado, mais propriamente no que diz respeito às unidades curriculares que fazem parte do mesmo e às sessões de conferências e palestras em contextos

externos à universidade. Tal como já referido, foi em resultado desses aspetos que surgiu a vontade de optar por esta temática para a investigação.

Não podia deixar de referir a importância dos estudos desenvolvidos pela orientadora nesta temática que também se revelaram como uma mais-valia para a investigação.

Este trabalho contribuiu para o meu crescimento, não só enquanto pessoa, mas também enquanto futura educadora de infância. Percebi o quão é importante que os/as educadores/as intencionalizem pedagogicamente as suas estratégias e atividades de abordagem à linguagem escrita. Além disso, também percebi a importância que os/as educadores/as detêm como modelos de escrita para as crianças.

É necessário que um/a educador/a tenha sempre em consideração as necessidades e os interesses individuais das crianças e que respeite o ritmo de aprendizagem de cada uma, pois estaremos a contribuir de forma positiva para o bem-estar e desenvolvimento de cada criança e a respeitá-la enquanto ser holístico.

Concluimos afirmando que na educação pré-escolar não se escolariza, mas proporciona-se às crianças os materiais certos e adequados que contribuem no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Bibliografia

- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Cavaco, B. (2015). *O Desenvolvimento da Consciência Fonológica em crianças de 3 e 4 anos: a utilização de um instrumento didático*. (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade do Algarve, Portugal.
- Dewey, J. (2007). *Democracia e educação*. Lisboa: Didática Editora.
- Fernandes, P. (2005). Literacia emergente e contextos educativos. *Cadernos de educação de infância*, 74, pp. 8-11.
- Ferreiro, E. (1985). *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez.
- Folque, M. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna* (2.^a ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, R. (2010). Experiências de escrita. *Revista do Movimento da Escola Moderna*, 37, pp. 14-23.
- Horta, M. (2015). *A abordagem à linguagem escrita na etapa final da educação pré-escolar: estudo de casos múltiplos na região do sotavento algarvio*. Universidade de Huelva: Tese de Doutoramento não publicada.
- Horta, M. (2016a). A organização e a gestão de um ambiente “comunicativamente estimulante” à luz das novas OCEPE. *Cadernos de Educação de Infância*, 108/109, pp. 26-30.
- Horta, M. (2016b). *Linguagem escrita na educação de infância: da intenção à prática*. Viseu: Editora Psicossoma.
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Lopes, J., Miguéis, G., Dias, J., Russo, A., Barata, A., Lopes, T., & Damião, F. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: Edições ASA.
- Marques, R. (2005). *Ensinar a ler, aprender a ler. Um guia para pais e educadores* (9.^a ed.). Lisboa: Texto Editores.
- Mata, L. (2008). *A descoberta da escrita. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- May, A., Bingham, G. & Barret-Mynes, J. (2010). Name games: literacy and play in the prekindergarten classroom. *Focus on Pre-K and K*, 23, pp. 5-7.

- Niza, S. (1996). Para uma construção funcional da linguagem escrita. Em A. Nóvoa, F. Marcelino, & J. Ramos do Ó (2012), Sérgio Niza. *Escritos sobre educação* (pp. 231-241). Lisboa: Tinta da China.
- Prudêncio, C. & Centro de Formação Educacional Permanente. (1978). *Linguagem oral e ortografia*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Rooyackers, P. (2006). *100 jogos de linguagem*. Porto: Edições ASA.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vygotsky, L. (1989). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Apêndices

Apêndice I – Notas de campo/ Registo de observação diretaRegisto diário de observação direta**Semana 1 – de 19 a 21 de setembro**

Na minha primeira semana de prática fui muito observadora. Estava numa sala de atividades nova e com um grupo de crianças totalmente desconhecido para mim. O meu objectivo na primeira semana de prática foi focar-me na organização da sala de atividades. Para além disso estive muito desperta para os materiais de escrita existentes na sala de atividades, para o local onde os mesmos se encontravam e ainda para todos os espaços e registos onde a escrita estava presente.

Materiais de escrita existentes na sala (Figura 1 – Materiais de escrita existentes na sala de atividades no dia 19 de setembro de 2016):

- Lápis de carvão;
- Lápis de cor grossos;
- Lápis de cor fininhos;
- Lápis de cera grossos;
- Canetas de feltro finas;
- Canetas de feltro grossas;
- Tubos de cola.



Figura 1 - Materiais de escrita existentes na sala de atividades no dia 19 de setembro de 2016

Os materiais de escrita encontram-se em cima de uma bancada que está encostada a uma parede na sala de atividades (Figura 2 – A localização do material de escrita dificulta o acesso livre para as crianças). Porém, os “potes” com os materiais de escrita encontram-se muito encostados à parede o que dificulta o acesso das crianças aos mesmos, tornando-se assim um grande entrave para que as crianças possam ter acesso de livre e espontânea vontade aos materiais de escrita.



Figura 2 – A localização do material de escrita dificulta o acesso livre para as crianças

A localização na sala de atividades da área “Linguagem Oral e Abordagem à Escrita” despertou-me imenso a atenção, isto devido à sua localização. Esta área encontra-se localizada numa das paredes da sala de atividades, mais propriamente em cima do espaço da biblioteca. Deste modo, os registos quando expostos na parede nunca irão estar ao nível das crianças, o que não permite que cada criança consiga identificar o seu próprio trabalho (Figura 3 – A área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita não se encontra ao nível das crianças). Os registos do fim de semana expostos na altura nesta área foram os trabalhos que me despertaram para este aspeto negativo.



Figura 3 - A área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita não se encontra ao nível das crianças

Um dos aspectos que me chamou a atenção foi o interesse que grande maioria das crianças revela pelos livros. Apesar de ainda não saberem ler, as crianças mostram interesse por querer desfolhar os livros, por observarem as imagens, fazem de conta que estão a contar histórias aos amigos, ...

A educadora no dia 19 de setembro modificou um dos aspectos dos registos do fim de semana. Até à data, o nome e a data apareciam no canto inferior esquerdo da folha apenas a identificar o trabalho. Mas neste mesmo dia a educadora modificou um grande pormenor no registo. Em vez de escrever o nome da criança e a data juntos, não, deixou um pequeno espaçamento entre os meninos e disse ao grupo que aquele espaço livre que se encontrava por baixo do nome de cada criança era para quem quisesse tentar copiar e “escrever” o seu próprio nome. Valorizei muito esta intencionalidade da educadora. A maioria das crianças não revelou interesse em querer copiar e “escrever” o seu nome, mas houve um menino que aceitou o desafio (Figura 4 – Tentativa de escrita do nome no registo do fim de semana). Na minha opinião, para a primeira cópia do nome, o menino esteve muito bem.

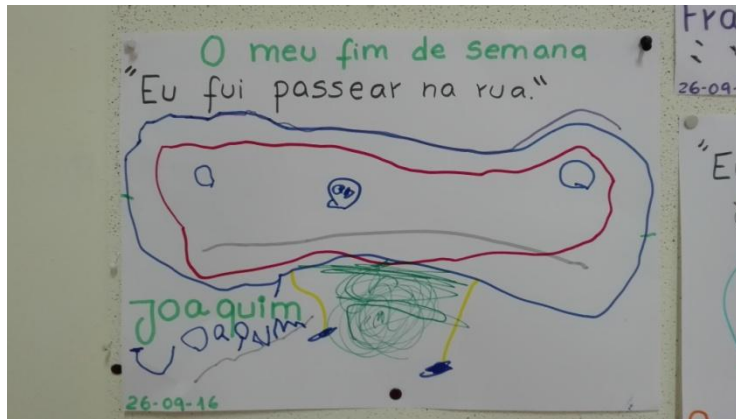


Figura 4 - Tentativa de escrita do nome no registo do fim de semana

Um outro aspecto que me despertou a atenção foi o local onde se encontram, na casa de banho, os copos com a escova e a pasta de dentes de cada criança, já para não falar do nome das crianças que não se encontra nada visível nem perceptível. As crianças não poderão revelar autonomia na hora de levar os dentes enquanto, os copos com a pasta de dentes e com a escova de dentes se localizarem a um nível muito superior acima das suas cabeças (Figura 5 – A localização do copo com a escova e a pasta de dentes não permite a autonomia das crianças na casa de banho).



Figura 5 - A localização do copo com a escova e a pasta de dentes não permite a autonomia das crianças na casa de banho

Semana 2 – de 26 a 28 de setembro

Na segunda semana de prática tirei algumas fotografias à sala de atividades com a finalidade de registar como é que a mesma se encontrava no início do ano lectivo.

Nesta semana percebi finalmente quais as áreas de trabalho e quais os espaços de brincadeira existentes na sala de atividades, após uma breve conversa com a educadora cooperante, pois até à data estava um pouco confusa.

Áreas de trabalho:

- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita;
- Expressão Plástica;
- Matemática;
- Conhecimento do Mundo.

Espaços de brincadeira:

- Biblioteca;
- Casinha;
- Garagem;
- Baú das Trapalhadas;
- Cavalete;
- Jogos;
- Plasticina;
- Desenho.

Partindo da conversa que ocorreu entre mim e a orientadora no último atendimento sentimos a necessidade de construir duas tabelas de observação para ao longo de 3 semanas de prática (3 dias semanais) registar a organização dos espaços de brincadeira livre e a frequência das crianças nos mesmos espaços. Para além da observação directa, foram também recolhidos registos fotográficos e ainda registos narrativos. O preenchimento destas tabelas de observação teve início no dia 26 de setembro.

Na segunda semana de prática decidi elaborar uma lista, quer através da observação directa quer através dos registos fotográficos tirados no dia 28 de setembro, para registar onde é que a escrita estava presente na sala de atividades. E foi então que surgiu a seguinte lista.

A escrita está presente na sala de atividades...

- nos cartões de identificação de cada espaço de brincadeira livre;
- nos títulos das áreas de trabalho;
- nos registos dos trabalhos de expressão plástica;
- no cartaz alusivo às regras da sala;
- nos registos do fim de semana;
- no móvel para arrumação dos trabalhos;
- nos registos dos trabalhos de matemática;
- no registo escrito contextualizar os trabalhos de matemática;
- em algumas caixas de material diverso;
- em alguns “potes” que contêm material de escrita;
- na caixa que contém material áudio;
- nos copos de água;
- nos cabides;
- nos envelopes para recados;
- na porta da sala de atividades;
- nas lancheiras;
- nos taparueres;
- nos produtos alimentares.

Semana 3 – de 03 a 06 de outubro

Esta semana a educadora decidiu fazer outra vez algo de diferente no que diz respeito ao registo do fim de semana. Desta vez a educadora escreveu o nome de cada criança com pontinhos. O tamanho de cada letra era superior ao tamanho normalmente utilizado, isto para facilitar.

Em conversa com a educadora, enquanto preparávamos as folhas com os nomes de todas as crianças, a educadora disse-me que primeiramente estava a pensar dar uma caneta de feltro grossa a cada criança e pedir para passar com a ponta da caneta por cima dos pontinhos. Para além disso explicou-me que iria explicar às crianças que escrevemos da esquerda para a


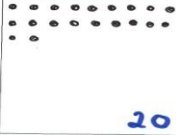

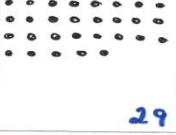





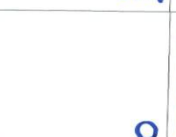















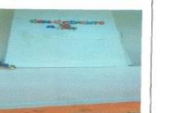
direita e por isso as crianças teriam de começar pela esquerda e terminar no lado direito. Após ouvir a educadora sugerir-lhe as crianças antes de passarem com a caneta por cima dos pontinhos passassem com o seu próprio dedo. A educadora gostou muito da ideia e acatou a minha sugestão. Observei que poucas foram as crianças que demonstraram dificuldade em passar por cima dos pontinhos com a caneta. Fiquei surpreendida pelo resultado final da maioria das crianças, uma vez que estavam a fazer pela primeira vez uma tentativa de escrita do seu próprio nome (Figura 6 – Tentativas de escrita do nome). É importante referir que esta tentativa de escrita por parte de cada criança também possibilitou aos adultos ter a noção da “pega” da caneta de cada criança de forma individual.



Figura 6 - Tentativas de escrita do nome

No dia seguinte, dia 4 de outubro, a educadora voltou a pedir às crianças para fazerem novamente o mesmo e houve uma menina que se destacou pela positiva. Ao contrário do resto do grupo de crianças, esta menina não pegou de imediato na caneta, começou primeiramente a seguir os pontinhos com o seu próprio dedo. Todas as outras crianças tiveram de ser chamadas à atenção para tal.

Apêndice II – Grelha de registo de frequência coletiva nos espaços resultantes da 1ª aplicação

 Avaliação Diagnóstica			
		Frequência	Registos fotográficos
Espaços de brincadeira na sala de atividades	Biblioteca	 20	
	Casinha	 29	
	Garagem	 33	
	Bau das Trapalhadas	 17	
	Cavalete	 0	
	Jogos	 14	
	Plasticina	 16	
	Desenho/ Escrita	 0	 
Áreas de trabalho na sala de atividades	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	 51	
	Expressão Plástica	 30	
	Matemática	 29	
	Conhecimento do Mundo	 11	

Apêndice III – Grelha de registo de frequência individual nos espaços resultantes da 1ª aplicação

	Espaços de brincadeira na sala de atividades								Áreas de trabalho na sala de atividades			
	Biblioteca	Casinha	Garagem	Baú das Trapalhadas	Cavalete	Jogos	Plasticina	Desenho/Escrita	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Expressão Plástica	Matemática	Conhecimento do Mundo
Criança A	2	5	0	2	0	0	0	0	4	2	2	1
Criança B	1	0	1	1	0	1	1	0	2	1	1	1
Criança C	2	0	1	0	0	4	2	0	3	2	2	1
Criança D	1	4	0	3	0	0	1	0	4	2	2	1
Criança E	1	4	1	1	0	0	2	0	4	2	2	1
Criança F	1	0	1	1	0	2	3	0	2	2	1	1
Criança G	2	0	4	1	0	2	0	0	3	2	2	1
Criança H	1	0	5	0	0	1	2	0	4	2	2	1
Criança I	1	3	4	1	0	0	0	0	4	2	2	1
Criança J	2	4	0	2	0	0	0	0	3	2	2	1
Criança K	0	0	7	0	0	2	0	0	4	2	2	1
Criança L	3	1	5	0	0	1	0	0	3	2	2	1
Criança M	1	3	0	2	0	1	2	0	4	2	2	1
Criança N	1	0	4	1	0	0	2	0	3	2	2	1
Criança O	1	5	0	2	0	0	1	0	4	2	2	1
TOTAIS	20	28	33	17	0	14	16	0	51	29	28	15

Apêndice IV – Entrevistas às crianças

	Questão 1. Gostas de brincar na sala com os amigos?	Questão 2. Em que espaço da sala é que tu mais gostas de brincar?	Questão 3. Tu gostavas que houvesse um espaço na sala para brincarmos com as letras e com os números?	Questão 4. O que é que tu gostavas que esse espaço tivesse para brincar com as letras e com os números?
Criança A	Sim.	Aqui [no espaço da garagem]. Gosto de brincar com isso [carros].	Sim.	Brinquedos.
Criança B	Eu gosto muito.	No cavalete... porque sim. Porque eu gosto de brincar com tintas.	Sim.	[Gostava que esse espaço fosse] Naquela mesa grande, onde eles estão a trabalhar agora. Fazer os números e as letras.
Criança C	Sim, eu gosto de brincar com o autocarro.	Na biblioteca.	Sim.	_____
Criança D	Sim gosto.	Aqui, na garagem.	Sim.	No chão. [Gostava que tivesse] letras, carros, o meu nome e um comboio.
Criança E	Gosto de brincar com os amigos, com as “bolachas”.	Aqui na mesa [dos jogos] e na casinha.	Sim.	Um balde... letras.
Criança F	Sim. Gosto muito.	Na casinha ... na garagem.	Gostava.	No chão. [Gostava que tivesse] lápis, canetas e jogos.
Criança G	Sim.	Na casinha, com a Fifi e com a Sara.	Sim.	Na mesa. [Gostava que tivesse] canetas para brincar com a Vitória.
Criança H	Sim.	Nos jogos.	Sim.	Muitas coisas... jogos, desenhos e folhas.
Criança I	Sim.	Na casinha, com toda a gente.	Sim.	Jogos, plasticina e desenhos... [Gostava que fosse] no chão.
Criança J	Gosto muito.	A casinha... com os amigos. Só três podem estar na casinha.	Sim.	Plasticina, jogos, letras e números.
Criança K	Sim.	Na plasticina, no	Sim.	[Gostava que

		baú [das trapalhadas – faz de conta], na casinha e na garagem.		fosse] na mesa... [que tivesse] canetas.
--	--	--	--	--

Apêndice V – Fichas de Observação

<u>Ficha de Observação n.º 1</u>	
Data: 23 de janeiro de 2017	
Hora: das 9H às 12H	
Duração da observação: 3 horas (período da manhã)	
Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Registo do fim de semana.	Tentativa de escrita do nome próprio por parte de todas as crianças do grupo presentes na sala de atividades. Maioria das crianças por iniciativa própria.
Mapa das Presenças.	As crianças reconheceram a mancha gráfica do seu nome devido à presença de fotografia de perfil de cada criança, afixada junto a cada nome.
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: registo do fim de semana, mapa das presenças e copos de água.
Identificação da mancha gráfica do nome nos copos de água.	A maioria das crianças do grupo não reconheceu a mancha gráfica do seu nome no copo de água, apesar dos copos terem sido colocados, estrategicamente, com os nomes virados de frente para as crianças.
Observação: Não foi possível recolher mais registos de observação devido à participação do grupo na atividade curricular de Educação Física.	

Ficha de Observação n.º 2

Data: 25 de janeiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), trabalho “Um bocadinho de Inverno”, trabalho do ouriço, quadro das tarefas e copos da água.
Mapa das Presenças.	As crianças reconheceram a mancha gráfica do seu nome devido à presença de fotografia de perfil de cada criança, afixada junto a cada nome.
Área da escrita.	<p>As crianças foram capazes de identificar as letras e os números.</p> <p>Revelam autonomia na área da escrita.</p> <p>Demonstram interesse e entusiasmo pelos novos materiais (ficheiros de imagens e alfabeto).</p> <p>Um espaço muito utilizado pelas crianças no período de acolhimento.</p>

Ficha de Observação n.º 3

Data: 26 de janeiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), trabalho “Um bocadinho de Inverno”, quadro das tarefas, copos da água, cartaz de informação “Esqueleto”, registo da atividade extracurricular “Costas para o futuro” e livro projetado sobre a paz.
Mapa das Presenças.	As crianças reconheceram a mancha gráfica do seu nome devido à presença de fotografia de perfil de cada criança, afixada junto a cada nome.
Livro projetado sobre a Paz.	O grupo recebeu na sua sala a visita dos restantes amigos da escola para ver e ouvir uma história sobre a paz. A leitura da história e as interações com as crianças proporcionaram a aquisição de novo vocabulário por parte das crianças.

<u>Ficha de Observação n.º4</u>	
<p>Data: 27 de janeiro de 2017</p> <p>Hora: das 9H às 12H</p> <p>Duração da observação: 3 horas (período da manhã)</p>	
Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, mapa do tempo, copos da água e trabalho “Um bocadinho de Inverno”.
Mapa das Presenças.	A maioria das crianças identificaram a mancha gráfica do seu nome. Uma menina não marcou a presença na respetiva linha do seu nome. Perdeu-se na tabela de dupla entrada.
Registo das observações das crianças.	<ul style="list-style-type: none"> - Nós estamos a desenhar. (criança G, 9:43H) - Eu fiz o meu nome. Em cima e em baixo. (criança F, 9:44H) - O meu nome está aqui. (criança G, 9:47H) - Este copo é meu. (criança F, 10:52H)

Ficha de Observação n.º 5

Data: 31 de janeiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), trabalho “Um bocadinho de Inverno”, quadro das tarefas, copos da água, trabalho “Dia da não violência escolar e da paz” e puzzles.
Mapa das Presenças.	As crianças reconheceram a mancha gráfica do seu nome devido à presença de fotografia de perfil de cada criança, afixada junto a cada nome.
Área da escrita.	As crianças demonstraram interesse em brincar na área da escrita. Revelam grande entusiasmo pelos ficheiros de imagens e pelo jogo associado aos mesmos. Demonstram dificuldade em aceitar o número de crianças permitidas no espaço. Enquanto brincavam e exploravam os materiais...

	<ul style="list-style-type: none"> - Encontrei a palavra, é igual. (criança L, 11:01H) - Esta sou eu, queres ver? Olha. (Pegando na etiqueta do seu nome e da sua fotografia) (criança J, 11:04H) - Eu não tenho este nome? (Pegando num ficheiro de imagem e querendo encontrar a palavra igual) (criança I, 11:06H) - Onde está o meu cartão? (Perguntando a uma menina pela sua etiqueta com o nome e fotografia) (criança D, 11:11H) <p>Uma menina reconheceu a primeira letra do seu nome no jogo do alfabeto.</p> <p>As crianças revelam interesse em fazer desenhos na área da escrita.</p>
Registo das observações das crianças.	<ul style="list-style-type: none"> - O meu relógio tem números. (criança D, 9:33H) - A minha mãe escreveu o meu convite, porque eu não sei escrever. (criança D, 9:39H) - Esse copo é de quem? (criança B, 9:56H) - Olha Érica 1,2,3,4,5,6 e 7. (criança F, 10:19H) <p>Conversa com uma criança (10:12H):</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que tu tás a fazer? (criança F) - Estou a escrever? (estagiária) - Tás a escrever o quê? (criança F)

	<p>- Estou a escrever o que os meninos estão a dizer. (estagiária)</p> <p>Mais tarde... (10:41H)</p> <p>- Isto é o quê? (criança F)</p> <p>- É uma caneta. (estagiária)</p> <p>- É para quê? (criança F)</p> <p>- É para escrever. (estagiária)</p>
Aprendizagens a partir de puzzles.	<p>Os puzzles são uma excelente estratégia lúdica para as crianças contactarem com os números e as letras.</p> <p>As crianças demonstraram interesse por puzzles que envolvam números.</p> <p>Um menino identificou os números de 1 a 10 e transmitiu-me que já tinha adquirido a noção de número.</p> <p>As crianças identificaram as cores num puzzle, mas não reconhecem a mancha gráfica da respetiva palavra da cor.</p> <p>- Isto é de que cor? (criança F, 10:25H)</p> <p>- Amarelo. (criança D, 10:26H)</p> <p>Num outro puzzle, uma criança identifica as partes do corpo humano, mas também não reconhece a mancha gráfica das respetivas palavras. Palavras como mão, pé, cabeça, boca e orelha.</p>

Ficha de Observação n.º 6

Data: 01 de fevereiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, trabalho de pintura no cavalete, copos da água, cabides e batas.
Jogos e puzzles.	As crianças demonstraram interesse por jogos que envolvam números, palavras e figuras geométricas. As crianças brincaram com jogos de enfiamentos, deste modo estavam a desenvolver a motricidade fina.
Pintura no cavalete.	As crianças, através do desenho no cavalete, estiveram a desenvolver a criatividade e a imaginação. O facto das crianças terem que esperar pela sua vez causou alguma frustração e ansiedade nas mesmas, uma vez que só podia estar uma criança de cada vez a pintar no cavalete.
Registo das observações das crianças.	Um menino vestiu a bata que não era a sua...

	<ul style="list-style-type: none">- Aquela bata é minha. Tem o meu nome. (criança F, 10:20H)- Olha Érica os números. (criança J, 10:08H)
--	---

Ficha de Observação n.º 7

Data: 02 de fevereiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, copos da água, cabides, batas, receita das papas de aveia e rótulos dos alimentos.
Atividade Curricular “Nutrir e Divertir” (Atividade dinamizada por uma nutricionista)	<p>As crianças exploraram alimentos através dos 5 sentidos.</p> <p>As crianças contactaram com a palavra do nome dos alimentos escrita nos rótulos das embalagens dos mesmos.</p> <p>Também através da receita, em grandes dimensões, as crianças contactaram com a escrita.</p> <p>Através das ilustrações dos alimentos na receita, as crianças identificavam a palavra associada aos mesmos.</p> <p>As crianças estiveram sempre dispostas a ajudar, durante a preparação das papas de aveia.</p> <p>No final da atividade, apenas duas a três crianças negaram querer provar as papas da veia que tinham cozinhado com os amigos e com a</p>

	ajuda dos adultos.
A brincar no espaço da área da escrita...	Conversa entre duas crianças... - Eu estou a desenhar... és tu! (criança D, 11:10H) - Mas não tem orelhas. (criança L, 11:11H)

Ficha de Observação n.º 8

Data: 03 de fevereiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, copos da água, cabides, batas, embalagem de sementes de tomate, livro “Alibabá e os 40 ladrões” e trabalho “A primeira letra do meu nome”.
Atividade Curricular “Horta Pedagógica”. (Atividade dinamizada por uma engenheira agrónoma)	As crianças exploraram o tomate e as sementes do tomate. As crianças tiveram contacto com a palavra tomate muitas vezes durante a atividade.
Leitura da história “Alibabá e os 40 ladrões”.	Após a leitura da história, a educadora explicou ao grupo que as palavras mágicas na história para se abrir a porta eram ... Abre-te Sésamo..., porque a porta se chamava Sésamo, mas a porta também se poderia chamar Simão ou Sara. Todas estas palavras começam pela letra S. Partindo desta explicação ocorreu... - Exploração de palavras que começam pela mesma letra, como é o caso da palavra Sésamo e Sara;

	<p>- Descoberta de palavras que começam pela primeira letra do nome de cada criança;</p>
Trabalho “A primeira letra do meu nome”.	<p>Todas as crianças presentes reconheceram a mancha gráfica do seu nome no trabalho, sem recurso a fotografia.</p> <p>Todas as crianças identificaram com o seu dedo a primeira letra do seu nome.</p> <p>Grande parte das crianças do grupo não sabia dizer palavras que começam com a primeira letra do seu nome.</p> <p>As crianças identificam a primeira letra do seu nome com o dedo, mas não sabem pronunciar oralmente a mesma.</p>

Ficha de Observação n.º 9

Data: 06 de fevereiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, copos da água, cabides, batas e registo do fim de semana.
Atividade Curricular de Educação Física. (Atividade dinamizada por uma professora de educação física especializada na área)	As crianças realizaram jogos e atividades que envolveram a exploração das cores, das formas geométricas e dos números. Nesta atividade as crianças aprendem os nomes dos materiais de ginástica, através da pronúncia oral dos nomes dos mesmos pela professora de Educação Física e nunca através do registo escrito.
Registo do fim de semana.	A maioria das crianças presentes iniciou a atividade do registo do fim de semana pela tentativa de escrita do seu nome. Em algumas crianças, a tentativa de escrita aproxima-se muito do real e é bastante perceptível.

	<p>Em conversa...</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que é que vais fazer primeiro no registo do fim de semana? (estagiária, 11:13H) - O meu nome. (criança F, 11:14H) <p>Durante a atividade duas crianças conversam...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tu tas a escrever? (criança F, 11:22H) - Sim, estou. (criança L, 11:22H) - O quê? (criança F, 11:23H) - Não posso mostrar. (criança F, 11:23H)
A brincar no espaço da biblioteca...	<p>Todas as crianças demonstraram interesse pelos livros.</p> <p>Aquando questionadas, todas as crianças afirmaram que estão a ler livros.</p> <p>As crianças adoram olhar para as imagens e contar a história à sua maneira, de acordo como a imaginam.</p> <p>As crianças tentam imitar vozes diferentes, como se de diferentes personagens se tratasse e por vezes fazem expressões faciais para demonstrar sentimentos.</p> <p>É notório uma grande exploração dos livros, por parte do grupo de crianças.</p>
Espaço da área da escrita.	A educadora utilizou o espaço da área da escrita para realizar jogos e brincadeiras com as crianças.

	<p>O comboio dos números foi utilizado pela educadora para explorar os números com as crianças.</p> <p>Os números foram explorados tendo em conta a sequência de 0 a 10, mas também aleatoriamente.</p>
--	---

Ficha de Observação n.º 10

Data: 09 de fevereiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, mapa do tempo, copos da água, batas, cabides, lenda das amendoeiras, trabalho "A primeira letra do meu nome" e trabalho "O que mais gostei da visita ao teatro Lethes".
Atividade Curricular "Caldeirão Sonoro". (Atividade dinamizada por dois músicos)	As crianças conheceram a lenda das amendoeiras. As crianças tiveram contacto com a lenda das amendoeiras através da leitura da lenda e da dramatização da mesma com fantoches. Adquiriram novo vocabulário, partindo da exploração da lenda. As crianças tiveram contacto com novas palavras, através da pronúncia oral dos músicos e não através da escrita.
Durante a realização dos trabalhos...	As crianças desenvolveram a motricidade fina através da utilização da tesoura e das canetas.

Registro das observações das crianças.	- Eu fiz aquele trabalho. O das letras. (criança B, 9:26H)
Durante a observação em conversa com a educadora...	<p>A educadora referiu que durante o tempo de acolhimento, as crianças escolhem muitas das vezes o espaço da área da escrita para brincar.</p> <p>Também a educadora referiu que o espaço da área da escrita é utilizado nos períodos da tarde pelas crianças.</p> <p>A educadora ainda mencionou que nota que as crianças demonstram predisposição para a escrita no espaço da área da escrita.</p>

Ficha de Observação n.º 11

Data: 10 de fevereiro de 2017

Hora: das 9H às 12H

Duração da observação: 3 horas (período da manhã)

Registo de Situação/Atividades	Notas/Inferências/Intuições/Interpretações
Contacto com a escrita.	As crianças presentes contactaram com a escrita, nas seguintes situações/atividades: mapa das presenças, materiais da área da escrita (etiquetas dos nomes, comboio dos números, ficheiros de imagens e alfabeto), quadro das tarefas, copos da água, cabides, batas, trabalho “A minha casa”, trabalho “A primeira letra do meu nome” e lengalengas.
Mapa das presenças.	As crianças reconhecem a mancha gráfica do seu nome no mapa das presenças, com recurso à fotografia.
Puzzles e jogos.	As crianças revelaram interesse em puzzles e jogos de letras e números.
Atividades para desenvolver a motricidade fina...	Durante as atividades realizadas no período da manhã, as crianças desenvolveram a motricidade fina através da caneta de feltro grossa, do pincel, da plasticina, do abotoar a bata, do vestir, do calçar e através da pega correta nos talheres.
Registo das observações das crianças.	- Quando vais de elevador para a tua casa tens de carregar num botão

	<p>com um número. Que número é esse? (Educadora, 9:47H)</p> <p>- É o 2. (criança I, 9:48H)</p> <p>Após terminar o desenho...</p> <p>- Eu vou fazer o meu nome. (criança F, 9:50H)</p> <p>A educadora pede a uma criança...</p> <p>- Joaquim vai ajudar o amigo a marcar a presença. (Educadora, 9:57H)</p> <p>- É em qual? (criança B, 9:58H)</p> <p>- É no nome dele. (Educadora, 9:58H)</p>
Comunicação dos trabalhos “A primeira letra do meu nome” em grande grupo	<p>À vez as crianças partilhavam com os amigos o seu trabalho.</p> <p>A pedido da educadora e com o auxílio da mesma, as crianças tinham de pronunciar oralmente qual a primeira letra do seu nome, indicar com o dedo na palavra do seu nome onde se encontrava essa mesma letra e por fim tinham dizer uma palavra que começasse pela primeira letra do seu nome.</p> <p>De um modo geral, todas as crianças identificaram com o dedo a primeira letra do seu nome na palavra.</p> <p>Poucas foram as crianças que souberam pronunciar oralmente a primeira letra do seu nome.</p> <p>Quase todas as crianças souberam dizer uma palavra que começasse pela primeira letra do seu nome. A maioria utilizou a palavra que</p>

	explorou com a educadora durante a realização do trabalho e que consequentemente a ilustrou.
Exploração de lengalengas.	As crianças exploraram palavras que possuem a mesma terminação. Excerto da lengalenga: “Quem está na janela? Uma cadela amarela. Quem está no jardim? O lindo pinguim. Quem está no portão? Um menino que se chama João.”

Apêndice VI – Guião da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante

Guião de Entrevista Semi-Estruturada

- I. Tema: A (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades.
- II. Entrevistada: Educadora de Infância Cooperante.
- III. Objetivo: Saber se a educadora cooperante verificou mudanças no comportamento/atitudes das crianças após a (re)organização do espaço da área da escrita.
- IV. Momento: Após a realização das observações efetuadas.

Designação dos blocos	Objetivos específicos	Formulário de questões	Observações
<p>BLOCO A</p> <ul style="list-style-type: none"> • Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Legitimar a entrevista. • Motivar a entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Informar a entrevistada acerca da investigação em curso. • Informar acerca do principal objetivo da entrevista. • Solicitar a colaboração da entrevistada, salientando a sua importância para o desenvolvimento do estudo. • Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas e o anonimato da entrevistada. • Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista. • Colocar à disposição da educadora os resultados da investigação. • Agradecer a ajuda e colaboração. 	<ul style="list-style-type: none"> • A generalidade dos aspetos que compõem este Bloco da entrevista é prévio à realização da mesma, na medida em que ela se sucede à observação e, portanto, no decurso do processo que com a educadora cooperante tem vindo a ser desenvolvido em termos de investigação.
<p>BLOCO B</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento das interpretações da educadora cooperante sobre as mudanças no comportamento/atitude das crianças perante a linguagem escrita. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as interpretações da educadora cooperante sobre as mudanças no comportamento/atitude das crianças perante a linguagem escrita. 	<p>Questionar a entrevistada sobre:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A (re)organização do espaço da área da escrita. 2. Os materiais inseridos no espaço da área da escrita. 3. Uma predisposição para a escrita por parte das crianças. 	<p>Introduzir as seguintes questões:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que pensa acerca da (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades? 2. Nota que este novo espaço na sala de atividades provocou impacto nas crianças? De que forma(s)? 3. No que diz respeito aos materiais introduzidos na área da escrita, o que pensa acerca dos mesmos? 4. Após a (re)organização do espaço da área da escrita o que nota nas crianças relativamente a esta área do conhecimento?

Apêndice VII – Protocolo da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante

Protocolo da Entrevista à Educadora Cooperante

Ent.: Bom dia! Então vamos dar início à nossa entrevista. Antes de mais quero informar acerca da investigação que estou a realizar que é no âmbito da área da escrita. Tem como temática a (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades. Informo-lhe também acerca do principal objetivo da minha investigação que é saber se você, como minha educadora cooperante, verificou mudanças no comportamento e nas atitudes das crianças após a (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades. Venho também deste modo solicitar a sua colaboração para a entrevista salientando que será de máxima importância para o meu estudo. Asseguro ainda a confidencialidade das declarações que irá prestar aqui na entrevista e o anonimato da mesma. Quero pedir autorização para gravar em áudio a entrevista.

Ed.: Tem autorização.

Ent.: No final da investigação irei colocar à sua disposição os resultados da mesma. Agradeço então deste modo a sua colaboração e vou então fazer-lhe então as seguintes questões da entrevista.

Ent.: Gostava de saber o que pensa acerca da (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades?

Ed.: Aaa... penso que foi uma mais valia. Aaa... tornou o espaço mais rico, mais estimulante, mais motivador, no fundo despertou-os de uma forma mais ativa para a escrita. Os jogos que foram lá colocados são do agrado das crianças ...aaa... e tenho notado que eles têm revelado um maior interesse pelas letras e por descobrir como se escrevem determinadas palavras. Actualmente, as crianças tiram os cartões da área da escrita para outros espaços copiam o nome deles, o dos amigos e copiam palavras dos cartões dos jogos. Portanto acho que foi bom... foi muito benéfico tanto para elas como para mim.

Ent.: Exato. Então em termos de ... digamos que nota que este novo espaço na sala de atividades provocou impacto nas crianças?

Ed.: Provocou, especialmente nas mais velhas portanto, elas ...aaa... gostam muito de brincar nesse espaço, gostam de copiar ...aaa... muito as palavras que estão lá nos jogos e os nomes delas também. Às vezes estão na mesa a fazer desenhos, vão buscar o nome para copiar. Aaa... Também fazem comparações entre o nome delas e o nome dos amigos. Aaa... Várias vezes, vêm-me questionar o que é que está escrito nalguns cartões, como é que se

joga alguns jogos ...aaa... e estão ...aaa.. estão mais despertas para algumas coisas que digo, questionando-me como é que isso se escreve, por que letra começa determinada palavra e penso que de certa forma, isto tem a ver com ...com... esta estimulação e o aparecimento desta área [na sala de atividades].

Ent.: Deste modo, ou seja, veio captar, despertar mais o interesse das crianças?

Ed.: Veio! Sem dúvida veio!

Ent.: Ok. E no que diz respeito aos materiais introduzidos, que foram introduzidos na área da escrita. O que pensa acerca dos mesmos?

Ed.: O que é que eu penso? ...aaa... O comboio dos números foi o que mais os motivou, eles vão lá explorá-lo em momentos de atividade livre, mas também em atividades dirigidas onde sob a minha orientação observam os números fazem comparações e associam o número à quantidade, de certo modo é um instrumento que tem complementado as competências que pretendo desenvolver. Relativamente aos cartões dos nomes Aaa... tal como já referi anteriormente, têm sido alvo de interesse, as crianças exploram-nos regularmente e, devido ao facto da Érica ter colocado o nome completo tem suscitado curiosidade, despertando-os para a mancha gráfica e letras do sobrenome. Por vezes, questionam-me ...aaa... qual é o nome que está no meio, porque alguns não conhecem o seu nome completo ...aaa... questionam o nome dos amigos e fazem observações e comparações pela existência de vários nomes que se iniciam com a mesma letra . Em relação aos jogos gostam muito dos jogos, alguns brincam da maneira correta, outros ainda não ...aaa... Alguns já vão questionando o que é que está aqui escrito e como é que este jogo se faz. No outro dia estavam a ver um livro e foram lá buscar o cartão para associar a alguma palavra do livro. Portanto é notório que as crianças, ao brincarem e usufruírem daquele espaço, ficam mais despertas para a escrita, deixando-as mais predispostas para adquirirem competências nesta área em várias momentos e atividades do seu dia a dia.

No fundo estão a fazer aquilo que a Érica pretende, não é? A despertá-los para a escrita.

Ent.: - Exato. Se por exemplo, fosse a educadora cooperante a (re)organizar o espaço na sala teria colocado ou teria pensado em colocar materiais como estes?

Ed.: Sinceramente, não. Não teria, porque ...aaa... pensaria que para os três anos isto podia ser um bocadinho exigente de mais ou desadequado, mas agora estou muito satisfeita com os resultados. Ainda bem que a Érica criou, porque noto diferença. A maior parte do grupo tem iniciativa para explorar o espaço.. Os mais pequeninos ainda só querem é brincar nos outros espaços e não vão até lá, mas a maior parte do grupo vai até lá, explora da maneira que entende ...aaa... As crianças gostam de fazer lá desenhos, de escrever, depois copiam os

nomes dos cartões para as folhas, vêm-me perguntar. Aaa... se eu teria feito daquela forma, não teria feito. Ainda bem que a Érica está cá, porque me ajudou neste sentido, porque eu estou a sentir diferença ...aaa... e, da próxima vez que tiver um grupo com esta faixa etária ...aaa... vou certamente pensar doutra forma e vou começar a implementar um espaço da escrita como este, porque acredito que pode trazer benefícios para as crianças. Porque esta estimulação não implica a obrigatoriedade, eles aprendem porque têm interesse em explorar e brincar com os materiais existentes na área.

Ent.: Ok ok, isso também depende um bocadinho da faixa etária das crianças, certo? Como estava a dizer ainda há pouco. O interesse...

Ed.: Certo. Mas na minha cabeça... pronto, pensaria que talvez este tipo de atividades seriam mais para os quatro anos, cinco anos e ...e... sinto que teve benefícios para estas crianças de três anos.

Ent.:Ok. Então após a (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades ...aaa... o que nota então nas crianças relativamente a esta área do conhecimento?

Ed.: O que é que eu noto? Que estão mais motivadas e mais despertas para esta área. ...aaa... no fundo a minha sensibilização passava por fazer registos ...aaa... mostrar histórias... agora é completamente diferente: eles são mais ativos na sua aprendizagem do que antes e quanto mais ativos forem mais aprendem.

Ent.: E em relação, por exemplo, às predisposições de escrita?

Ed.: Noto mais, noto que há crianças que já fazem o nome delas e que antes não faziam, noto que há crianças que inventam palavras à maneira delas, fazem as suas palavras ...aaa... e que antes isso não acontecia. Portanto acho que a predisposição para a escrita aumentou ...aaa... e é um bocado contagiante, porque noto que os que gostam mais influenciam as outras crianças a irem até lá e experimentarem, para ver o que podem fazer naquele espaço. E neste momento sinto que tenho que limitar o número de crianças a brincar naquele espaço, porque às vezes querem lá estar quatro e cinco e depois não dá, acabam por não tirar benefício. O interesse pela escrita aumentou e ...eee... isso nota-se não só na ida àquele espaço, mas em tudo o resto que eu faço. Portanto, tem repercussão nas minhas atividades, no que eles fazem no dia a dia, quando conto histórias, na curiosidade deles...

Ent.: Até porque a escrita acaba por estar envolvida ...

Ed.: Em tudo o resto.

Ent.: Exatamente. Bom, não tenho nada a acrescentar. Não sei se da sua parte terá mais alguma coisa a acrescentar às declarações prestadas?

Ed.: Não, penso que é tudo.

Ent.: Então terminamos assim a nossa entrevista. Muito obrigada. Após a transcrição da entrevista dar-lha-ei para que possa ver se está tudo em conformidade e no final da investigação dar-lhe-ei conhecimento dos resultados obtidos. Muito obrigada.

Ed.: Obrigada.

Apêndice VIII – Primeiro Tratamento da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante

Primeiro Tratamento da Entrevista à Educadora Cooperante

[A (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades]

(...) penso que foi uma mais valia (...) tornou o espaço mais rico (...) mais estimulante, mais motivador, no fundo despertou-os de uma forma mais ativa para a escrita (...)

[Predisposição por parte das crianças face aos materiais inseridos na área da escrita]

(...) os jogos que foram lá colocados são do agrado das crianças (...) tenho notado que eles têm revelado um maior interesse pelas letras e por descobrir como se escrevem determinadas palavras (...) actualmente, as crianças tiram os cartões da área da escrita para outros espaços (...) copiam o nome deles, o dos amigos e copiam palavras dos cartões dos jogos (...) portanto acho que foi bom (...) foi muito benéfico tanto para elas [foi muito benéfico] como para mim (...)

[Impacto junto das crianças pela (re)organização deste espaço]

(...) provocou [impacto] especialmente nas mais velhas (...) elas gostam muito de brincar nesse espaço (...) gostam de copiar muito as palavras que estão lá nos jogos e os nomes delas também (...) às vezes estão na mesa a fazer desenhos (...) vão buscar o nome para copiar (...) também fazem comparações entre o nome delas e o nome dos amigos (...) várias vezes, vêm-me questionar o que é que está escrito nalguns cartões, como é que se joga alguns jogos (...) estão mais despertas para algumas coisas que digo, questionam-me como é que isso se escreve, por que letra começa determinada palavra e penso que de certa forma, isto tem a ver com esta estimulação e o aparecimento desta área [na sala de atividades].

[Interesse despertado nas crianças causado pela (re)organização da área da escrita]

(...) veio[despertar mais o interesse das crianças]! Sem dúvida veio!

[Materiais introduzidos na (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades]

(...) o comboio dos números foi o que mais os motivou (...) eles vão lá explorá-lo em momentos de atividade livre, mas também em atividades dirigidas onde sob a minha orientação observam os números, fazem comparações e associam o número à quantidade (...) é um instrumento que tem complementado as competências que pretendo desenvolver (...) relativamente aos cartões dos nomes têm sido alvo de interesse (...) as crianças exploram-nos regularmente (...) devido ao facto da Érica ter colocado o nome completo tem suscitado curiosidade, despertando-os para a mancha gráfica e letras do sobrenome (...) questionam-me qual é o nome que está no meio, porque algumas [crianças] não conhecem o seu nome completo (...) questionam o nome dos amigos (...) fazem observações e comparações pela existência de vários nomes que se iniciam com a mesma letra (...) em relação aos jogos gostam muito dos jogos (...) algumas [crianças] brincam da maneira correta, outros ainda não (...) algumas [crianças] já vão questionando o que é que está aqui escrito e como é que este jogo se faz (...) no outro dia estavam a ver um livro e foram [ao espaço da área da escrita] lá buscar o cartão para associar a alguma palavra do livro (...) é notório que as crianças, ao brincarem e usufruírem daquele espaço, fiquem mais despertas para a escrita, deixando-as mais predispostas para adquirirem competências nesta área em várias momentos e atividades do seu dia a dia (...) no fundo estão a fazer aquilo que a Érica pretende (...) despertá-los para a escrita.

[Opinião da educadora cooperante em relação aos materiais introduzidos na área da escrita caso fosse a própria a (re)organizar o espaço]

(...) sinceramente, não (...) não teria (...) porque pensaria que para os três anos [de idade] isto podia ser um bocadinho exigente de mais ou desadequado (...) mas agora estou muito satisfeita com os resultados (...) ainda bem que a Érica criou, porque noto diferença (...) a maior parte do grupo tem iniciativa para explorar o espaço (...) os mais pequeninos ainda só querem é brincar nos outros espaços e não vão até lá, mas a maior parte do grupo vai até lá, explora da maneira que entende (...) as crianças gostam de fazer lá desenhos, de escrever, depois copiam os nomes dos cartões para as folhas e vêm-me perguntar (...) se eu teria feito daquela forma, não teria feito (...) ainda bem que a Érica está cá, porque me ajudou neste sentido (...) eu estou a sentir diferença (...) e da próxima vez que tiver um grupo com esta faixa etária vou certamente pensar doutra forma e vou começar a implementar um espaço da escrita como este, porque acredito que pode trazer benefícios para as crianças (...) porque

esta estimulação não implica a obrigatoriedade, eles aprendem porque têm interesse em explorar e brincar com os materiais existentes na área [da escrita].

[Influência da faixa etária das crianças na criação do espaço da escrita na sala de atividades]

(...) certo (...) na minha cabeçapensaria que talvez este tipo de atividades seriam mais para os quatro anos, cinco anos (...) sinto que teve benefícios para estas crianças de três anos.

[Alterações nas atitudes das crianças face a esta área do conhecimento]

(...) noto que estão mais motivadas e mais despertas para esta área (...) no fundo a minha sensibilização passava por fazer registos (...) mostrar histórias (...) agora é completamente diferente (...) eles são mais ativos na sua aprendizagem do que antes e quanto mais ativos forem mais aprendem.

[Predisposições de escrita por parte das crianças]

(...) noto mais (...) noto que há crianças que já fazem o nome delas e que antes não faziam (...) noto que há crianças que inventam palavras à maneira delas (...) fazem as suas palavras (...) antes isso não acontecia (...) acho que a predisposição para a escrita aumentou (...) e é um bocado contagiante, porque noto que os que gostam mais influenciam as outras crianças a irem até lá e experimentarem, para ver o que podem fazer naquele espaço (...) neste momento sinto que tenho que limitar o número de crianças a brincar naquele espaço, porque às vezes querem lá estar quatro e cinco e depois não dá, acabam por não tirar benefício (...) o interesse pela escrita aumentou (...) isso nota-se não só na ida àquele espaço, mas em tudo o resto que eu faço (...) portanto tem repercussão nas minhas atividades (...) no que eles fazem no dia a dia (...) quando conto histórias (...) na curiosidade deles.

[Presença da linguagem escrita na sala de atividades]

(...) em tudo o resto.

Apêndice IX – Pré-Categorização da Entrevista à Educadora de Infância CooperantePré-Categorização da Entrevista à Educadora Cooperante

Unidades de sentido

1. **[A (re)organização do espaço da área da escrita na sala de atividades]** (...) penso que foi uma mais valia (...)
2. (...) tornou o espaço mais rico (...)
3. (...) mais estimulante (...)
4. (...) mais motivador (...)
5. (...) no fundo despertou-os de uma forma mais ativa para a escrita (...)
6. **[Predisposição por parte das crianças face aos materiais inseridos na área da escrita]**
(...) os jogos que foram lá colocados são do agrado das crianças (...)
7. (...) tenho notado que eles têm revelado um maior interesse pelas letras (...)
8. (...) e por descobrir como se escrevem determinadas palavras (...)
9. (...) atualmente, as crianças tiram os cartões da área da escrita para outros espaços (...)
10. (...) copiam o nome deles (...)
11. (...) o [nome] dos amigos (...)
12. (...) e copiam palavras dos cartões dos jogos (...)
13. (...) portanto acho que foi bom (...)
14. (...) foi muito benéfico tanto para elas (...)
15. (...) [foi muito benéfico] como para mim (...)
16. **[Reações e atitudes das crianças face à (re)organização do espaço da área da escrita]** (...) provocou [impacto] especialmente nas mais velhas (...)
17. (...) elas gostam muito de brincar nesse espaço (...)
18. (...) gostam de copiar muito as palavras que estão lá nos jogos (...)
19. (...) e os nomes delas também (...)
20. (...) às vezes estão na mesa a fazer desenhos (...) vão buscar o nome para copiar (...) também fazem comparações entre o nome delas (...) e o nome dos amigos (...)
21. (...) várias vezes, vêm-me questionar o que é que está escrito nalguns cartões (...)
22. (...) como é que se joga alguns jogos (...)
23. (...) estão mais despertas para algumas coisas que digo (...)
24. (...) questionam-me como é que isso se escreve (...)
25. (...) por que letra começa determinada palavra (...)

26. (...) e penso que de certa forma, isto tem a ver com esta estimulação (...)
27. (...) e o aparecimento desta área [na sala de atividades].
28. (...) veio [despertar mais o interesse das crianças]! (...)
29. (...) Sem dúvida veio! (...)
30. **[Intencionalidade educativa na seleção dos materiais]** (...) o comboio dos números foi o que mais os motivou (...) eles vão lá explorá-lo (...)
31. (...) em momentos de atividade livre (...)
32. (...) mas também em atividades dirigidas (...) sob a minha orientação (...)
33. (...) observam os números (...)
34. (...) fazem comparações (...)
35. (...) e associam o número à quantidade (...)
36. (...) é um instrumento que tem complementado as competências que pretendo desenvolver (...)
37. (...) relativamente aos cartões dos nomes têm sido alvo de interesse (...) as crianças exploram-nos regularmente (...)
38. (...) devido ao facto da Érica ter colocado o nome completo tem suscitado curiosidade (...)
39. (...) despertando-os para a mancha gráfica (...)
40. (...) e letras do sobrenome (...)
41. (...) questionam-me qual é o nome que está no meio, porque algumas [crianças] não conhecem o seu nome completo (...)
42. (...) questionam o nome dos amigos (...)
43. (...) fazem observações [em relação aos nomes](...)
44. (...) e comparações pela existência de vários nomes que se iniciam com a mesma letra (...)
45. (...)gostam muito dos jogos (...)
46. (...) algumas brincam da maneira correta, outras ainda não (...)
47. (...) algumas já vão questionando o que é que está aqui escrito (...)
48. (...) e como é que este jogo se faz (...)
49. (...) no outro dia estavam a ver um livro e foram [ao espaço da área da escrita] lá buscar o cartão para associar a alguma palavra do livro (...)
50. (...) é notório que as crianças ao brincarem e usufruírem daquele espaço, fiquem mais despertas para a escrita (...)

51. (...) deixando-as mais predispostas para adquirirem competências nesta área em várias momentos e atividades do seu dia a dia (...)
52. (...) no fundo estão a fazer aquilo que a Érica pretende (...) despertá-los para a escrita. (...)
53. **[Opinião da educadora cooperante em relação aos materiais introduzidos na área da escrita caso fosse a própria a (re)organizar o espaço]** (...) sinceramente, não (...)
54. (...) não teria (...) porque pensaria que para os três anos [de idade] isto podia ser um bocadinho exigente de mais ou desadequado (...)
55. (...) mas agora estou muito satisfeita com os resultados (...)
56. (...) ainda bem que a Érica criou, porque noto diferença (...)
57. (...) a maior parte do grupo tem iniciativa para explorar o espaço (...)
58. (...) os mais pequeninos ainda só querem é brincar nos outros espaços e não vão até lá (...)
59. (...) mas a maior parte do grupo vai até lá, explora da maneira que entende (...)
60. (...) as crianças gostam de fazer lá desenhos (...)
61. (...) de escrever (...)
62. (...) depois copiam os nomes dos cartões para as folhas e vêm-me perguntar (...)
63. (...) se eu teria feito daquela forma, não teria feito (...)
64. (...) ainda bem que a Érica está cá, porque me ajudou neste sentido (...)
65. (...) eu estou a sentir diferença (...)
66. (...) e da próxima vez que tiver um grupo com esta faixa etária vou certamente pensar doutra forma (...)
67. (...) e vou começar a implementar um espaço da escrita como este, porque acredito que pode trazer benefícios para as crianças (...)
68. (...) porque esta estimulação não implica a obrigatoriedade (...)
69. (...) eles aprendem porque têm interesse em explorar e brincar com os materiais existentes na área [da escrita].
70. **[Faixa etária das crianças na criação do espaço da escrita na sala de atividades]** (...) certo (...)
71. (...) na minha cabeça pensaria que talvez este tipo de atividades seria mais para os quatro anos, cinco anos (...)
72. (...) sinto que teve benefícios para estas crianças de três anos. (...)
73. (...) noto (...) que estão mais motivadas (...)
74. (...) e mais despertas para esta área (...)

-
75. **[Papel do educador na abordagem à escrita]** (...) no fundo a minha sensibilização passava por fazer registos (...)
76. (...) mostrar histórias (...)
77. (...) agora é completamente diferente (...)
78. (...) eles são mais ativos na sua aprendizagem do que antes (...)
79. (...) e quanto mais ativos forem mais aprendem. (...)
80. **[Predisposições de escrita por parte das crianças]** (...) noto mais (...)
81. (...) noto que há crianças que já fazem o nome delas e que antes não faziam (...)
82. (...) noto que há crianças que inventam palavras à maneira delas (...)
83. (...) fazem as suas palavras (...)
84. (...) antes isso não acontecia (...)
85. (...) acho que a predisposição para a escrita aumentou (...)
86. (...) e é um bocado contagiante (...)
87. (...) noto que os que gostam mais influenciam as outras crianças a irem até lá e experimentarem, para ver o que podem fazer naquele espaço (...)
88. (...) neste momento sinto que tenho que limitar o número de crianças a brincar naquele espaço, porque às vezes querem lá estar quatro e cinco e depois não dá, acabam por não tirar benefício (...)
89. (...) o interesse pela escrita aumentou (...)
90. (...) nota-se não só na ida àquele espaço, mas em tudo o resto que eu faço (...)
91. (...) portanto tem repercussão nas minhas atividades (...)
92. (...) no que eles fazem no dia a dia (...)
93. (...) quando conto histórias (...)
94. (...) na curiosidade deles. (...)
95. **[Influência da linguagem escrita na sala de atividades]** (...) em tudo o resto. (...)

Apêndice X – Grelha de Categorização da Entrevista à Educadora de Infância Cooperante

Grelha de Categorização

Categorias	Subcategorias	Indicadores
1. A reorganização do espaço da área da escrita na sala de atividades	1.1. Benefícios para as aprendizagens das crianças	<p>(...) penso que foi uma mais valia (...) (1)</p> <p>(...) tornou o espaço mais rico (...) (2)</p> <p>(...) mais estimulante (...) (3)</p> <p>(...) mais motivador (...) (4)</p> <p>(...) no fundo despertou-os de uma forma mais ativa para a escrita (...) (5)</p> <p>(...) portanto acho que foi bom (...) (13)</p> <p>(...) foi muito benéfico tanto para elas (...) (14)</p> <p>(...) [foi muito benéfico] como para mim (...) (15)</p> <p>(...) estão mais despertas para algumas coisas que digo (...) (23)</p> <p>(...) eles aprendem porque têm interesse em explorar e brincar com os materiais existentes na área [da escrita]. (69)</p> <p>(...) noto (...) que estão mais motivadas (...) (73)</p> <p>(...) e mais despertas para esta área (...) (74)</p> <p>(...) neste momento sinto que tenho que limitar o número de crianças a brincar naquele espaço, porque às vezes querem lá estar quatro e cinco e depois não dá, acabam por não tirar benefício (...) (88)</p>

<p>2. Atitudes das crianças face à (re)organização do espaço da área da escrita</p>	<p>2.1. Atitude das crianças</p>	<p>(...) provocou [impacto] especialmente nas mais velhas (...) (16)</p> <p>(...) elas gostam muito de brincar nesse espaço (17)</p> <p>(...) veio [despertar mais o interesse das crianças]! (...) (28)</p> <p>(...) Sem dúvida veio! (...) (29)</p> <p>(...) a maior parte do grupo tem iniciativa para explorar o espaço (...) (57)</p> <p>(...) os mais pequeninos ainda só querem é brincar nos outros espaços e não vão até lá (...) (58)</p> <p>(...) mas a maior parte do grupo vai até lá, explora da maneira que entende (...) (59)</p> <p>(...) noto que os que gostam mais influenciam as outras crianças a irem até lá e experimentarem, para ver o que podem fazer naquele espaço (...) (87)</p>
	<p>2.2. O interesse revelado pela linguagem escrita</p>	<p>(...) gostam de copiar muito as palavras que estão lá nos jogos (...) (18)</p> <p>(...) e os nomes delas também (...) (19)</p> <p>(...) às vezes estão na mesa a fazer desenhos (...) vão buscar o nome para copiar (...) também fazem comparações entre o nome delas (...) e</p>

		<p>o nome dos amigos (...) (20)</p> <p>(...) várias vezes, vêm-me questionar o que é que está escrito nalguns cartões (...) (21)</p> <p>(...) como é que se joga alguns jogos (...) (22)</p> <p>(...) questionam-me como é que isso se escreve (...) (24)</p> <p>(...) por que letra começa determinada palavra (...) (25)</p> <p>(...) e penso que de certa forma, isto tem a ver com esta estimulação (...) (26)</p> <p>(...) e o aparecimento desta área [na sala de atividades]. (27)</p> <p>(...) observam os números (...) (33)</p> <p>(...) fazem comparações (...) (34)</p> <p>(...) questionam-me qual é o nome que está no meio, porque algumas [crianças] não conhecem o seu nome completo (...) (41)</p> <p>(...) questionam o nome dos amigos (...) (42)</p> <p>(...) algumas já vão questionando o que é que está escrito (...) (47)</p> <p>(...) no outro dia estavam a ver um livro e foram [ao espaço da área da escrita] lá buscar o cartão para associar a alguma palavra do livro (...) (49)</p> <p>(...) as crianças gostam de fazer lá desenhos (...) (60)</p> <p>(...) de escrever (...) (61)</p> <p>(...) depois copiam os nomes dos cartões para as folhas e vêm-me perguntar (...) (62)</p> <p>(...) o interesse pela escrita aumentou (...) (89)</p>
--	--	--

		<p>(...) nota-se não só na ida àquele espaço, mas em tudo o resto que eu faço (...) (90)</p> <p>(...) portanto tem repercussão nas minhas atividades (...) (91)</p> <p>(...) no que eles fazem no dia a dia (...) (92)</p> <p>(...) quando conto histórias (...) (93)</p> <p>(...) na curiosidade deles. (...) (94)</p>
	2.3. Introdução de materiais novos	<p>(...) os jogos que foram lá colocados são do agrado das crianças (...) (6)</p> <p>(...) o comboio dos números foi o que mais os motivou (...) eles vão lá explorá-lo (...) (30)</p> <p>(...) em momentos de atividade livre (...) (31)</p> <p>(...) mas também em atividades dirigidas (...) sob a minha orientação (...) (32)</p> <p>(...) é um instrumento que tem complementado as competências que pretendo desenvolver (...) (36)</p> <p>(...) relativamente aos cartões dos nomes têm sido alvo de interesse (...) as crianças exploram-nos regularmente (...) (37)</p> <p>(...) devido ao facto da Érica ter colocado o nome completo tem suscitado curiosidade (...) (38)</p> <p>(...) despertando-os para a mancha gráfica (...) (39)</p> <p>(...) e letras do sobrenome (...) (40)</p> <p>(...) fazem observações [em relação aos nomes] (...) (43)</p> <p>(...) e comparações pela existência de vários nomes que se iniciam</p>

		<p>com a mesma letra (...) (44)</p> <p>(...) gostam muito dos jogos (...) (45)</p> <p>(...) algumas brincam da maneira correta, outras ainda não (...) (46)</p> <p>(...) e como é que este jogo se faz (...) (48)</p> <p>(...) é notório que as crianças ao brincarem e usufruírem daquele espaço, fiquem mais despertas para a escrita (...) (50)</p> <p>(...) deixando-as mais predispostas para adquirirem competências nesta área em várias momentos e atividades do seu dia a dia (...) (51)</p> <p>(...) no fundo estão a fazer aquilo que a Érica pretende (...) despertá-los para a escrita. (...) (52)</p>
<p>3. O papel do educador na abordagem à escrita</p>	<p>3.1. Materiais a introduzir pela educadora</p>	<p>(...) sinceramente, não (...) (53)</p> <p>(...) não teria (...) porque pensaria que para os três anos [de idade] isto podia ser um bocadinho exigente de mais ou desadequado (...) (54)</p> <p>(...) mas agora estou muito satisfeita com os resultados (...) (55)</p> <p>(...) ainda bem que a Érica criou, porque noto diferença (...) (56)</p> <p>(...) se eu teria feito daquela forma, não teria feito (...) (63)</p> <p>(...) ainda bem que a Érica está cá, porque me ajudou neste sentido (...) (64)</p> <p>(...) eu estou a sentir diferença (...) (65)</p> <p>(...) e da próxima vez que tiver um grupo com esta faixa etária vou certamente pensar doutra forma (...) (66)</p> <p>(...) e vou começar a implementar um espaço da escrita como este, porque acredito que pode trazer benefícios para as crianças (...) (67)</p>

		(...) porque esta estimulação não implica a obrigatoriedade (...) (68)
	3.2. A faixa etária das crianças (na criação do espaço da área da escrita)	(...) tenho notado que eles têm revelado um maior interesse pelas letras (...) (7) (...) e por descobrir como se escrevem determinadas palavras (...) (8) (...) atualmente, as crianças tiram os cartões da área da escrita para outros espaços (...) (9) (...) copiam o nome deles (...) (10) (...) o [nome] dos amigos (...) (11) (...) e copiam palavras dos cartões dos jogos (...) (12) (...) certo (...) (70) (...) na minha cabeça pensaria que talvez este tipo de atividades seria mais para os quatro anos, cinco anos (...) (71) (...) sinto que teve benefícios para estas crianças de três anos. (...) (72)
	3.3. Atitude do educador	(...) no fundo a minha sensibilização passava por fazer registos (...) (75) (...) mostrar histórias (...) (76) (...) agora é completamente diferente (...) (77) (...) eles são mais ativos na sua aprendizagem do que antes (...) (78) (...) e quanto mais ativos forem mais aprendem. (...) (79)
	3.4. Presença da linguagem escrita na sala de atividades	(...) em tudo o resto (...) (95)

4. Evidências de aprendizagens	4.1. Descobertas das crianças face à linguagem escrita	<p>(...) e associam o número à quantidade (...) (35)</p> <p>(...) noto mais (...) (80)</p> <p>(...) noto que há crianças que já fazem o nome delas e que antes não faziam (...) (81)</p> <p>(...) noto que há crianças que inventam palavras à maneira delas (...) (82)</p> <p>(...) fazem as suas palavras (...) (83)</p> <p>(...) antes isso não acontecia (...) (84)</p> <p>(...) acho que a predisposição para a escrita aumentou (...) (85)</p> <p>(...) e é um bocado contagiante (...) (86)</p>
--------------------------------	--	--

Apêndice XI – Grelha de registo de frequência individual nos espaços resultantes da 2ª aplicação

	Espaços de brincadeira na sala de atividades							Áreas de trabalho na sala de atividades				
	Biblioteca	Casinha	Garagem	Bau das Trapalhadas	Cavalete	Jogos	Plasticina	Área da Escrita	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Expressão Plástica	Matemática	Conhecimento do Mundo
Criança A	1	2	0	1	0	1	1	3	2	2	1	1
Criança B	0	1	2	0	0	1	2	0	1	1	0	1
Criança C	2	0	0	0	0	2	1	4	2	2	1	1
Criança D	2	3	0	2	0	0	1	1	2	2	1	1
Criança E	2	2	2	1	0	0	0	2	2	2	1	1
Criança F	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Criança G	1	0	2	0	0	1	0	5	2	2	1	1
Criança H	1	1	1	2	0	1	1	2	2	2	1	1
Criança I	1	2	1	1	0	1	1	3	2	2	1	1
Criança J	1	2	0	0	0	1	1	5	2	2	1	1
Criança K	1	0	1	0	0	2	1	4	2	2	1	1
Criança L	0	1	3	1	0	2	2	0	2	2	1	1
Criança M	0	2	0	1	0	3	2	4	2	2	1	1
Criança N	3	0	5	0	0	0	3	0	2	2	1	1
Criança O	3	3	0	0	0	2	0	0	2	2	1	1
TOTAIS	18	19	17	9	0	17	16	33	27	27	13	14

Apêndice XII – Grelha de registo de frequência individual nos espaços resultantes da 3ª aplicação

	Espaços de brincadeira na sala de atividades								Áreas de trabalho na sala de atividades			
	Biblioteca	Casinha	Garagem	Bau das Trapalhadas	Cavalete	Jogos	Plasticina	Área da Escrita	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Expressão Plástica	Matemática	Conhecimento do Mundo
Criança A	0	2	0	3	0	0	0	4	5	3	0	1
Criança B	0	0	1	1	0	1	1	0	2	2	0	1
Criança C	1	0	1	0	0	4	1	0	5	3	0	1
Criança D	1	2	1	1	0	0	1	3	5	3	0	1
Criança E	1	2	0	1	0	2	1	2	5	3	0	1
Criança F	0	0	1	2	0	1	2	1	2	1	0	0
Criança G	2	0	1	1	0	2	1	1	3	2	0	1
Criança H	1	0	3	1	0	3	0	1	3	3	0	0
Criança I	1	1	1	1	0	0	0	2	4	3	0	1
Criança J	0	2	1	1	0	0	0	5	5	3	0	1
Criança K	0	1	3	0	0	0	0	2	5	3	0	1
Criança L	2	0	1	1	0	0	1	0	4	2	0	1
Criança M	1	1	0	1	0	1	1	4	4	3	0	1
Criança N	1	1	4	0	0	2	0	1	4	2	0	1
Criança O	1	5	0	1	0	1	0	0	5	3	0	1
TOTAIS	12	17	18	15	0	17	9	26	63	39	0	13